



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

MAIANE OLIVEIRA SILVA MAGALHÃES

HISTÓRIAS DE DINDO: CAUSOS, BENZAS E REZAS

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MAIANE OLIVEIRA SILVA MAGALHÃES

HISTÓRIAS DE DINDO: CAUSOS, BENZAS E REZAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mírian Sumica Carneiro Reis.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M167h

Magalhães, Maiane Oliveira Silva.

Histórias de Dindo : causos, benzas e rezas / Maiane Oliveira Silva Magalhães. -
2019.

60 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mírian Sumica Carneiro Reis.

1. Narrativa (Retórica). 2. Senso comum. 3. Tradição oral - Bahia. I. Oliveira,
Fernando Martins, 1927- - Biografia. II. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 808.8023

MAIANE OLIVEIRA SILVA MAGALHÃES

HISTÓRIAS DE DINDO: CAUSOS, BENZAS E REZAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovada em: 20/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mírian Sumica Carneiro Reis (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Lílian Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho ao meu sempre bom e gracioso Deus e ao meu querido avô
Fernando (Dindo) que foi a inspiração e motivação para a realização dessa
pesquisa.

Ao meu amado marido Anselmo, a minha adorada mãe Marlene e aos meus irmãos,
Claudiano, Cristiano e Mariana, por serem minha base e fortaleza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força para que eu conseguisse chegar até aqui.

A minha família por ter sido sempre a minha base. Ao meu amado marido Anselmo, pelo seu companheirismo e por ser o maior incentivador das minhas conquistas, pelo seu amparo e porto seguro. A minha amada e guerreira mãe Marlene, pelo seu amor incondicional, por sua força e por suas palavras de carinho e apoio, tão necessárias durante essa caminhada. Aos meus irmãos, Cristiano, Claudiano e Mariana pelo apoio e incentivo, e aos meus avós Maria e Fernando, por terem cuidado de mim, juntamente com a minha mãe, e por sabiamente terem contribuído para minha educação e construção de valores.

Agradeço a minha orientadora Mírian, por ter despertado em mim o amor pela literatura, pela sua paciência e contribuição que foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho.

Aos meus professores do curso de Letras, pelo empenho e dedicação.

Antecipadamente, agradeço aos professores da banca, Lílian e Igor, pelos comentários e sugestões necessários para tornar esse trabalho mais completo.

RESUMO

As narrativas orais, de modo geral, vêm declinando consideravelmente ao longo dos anos. Neste trabalho apresentaremos alguns dos causos, benzas e rezas praticados por Seu Fernando (Dindo) com o objetivo de refletir sobre a situação dessas tradições orais na sociedade contemporânea, assim como, compreender o papel das memórias dos velhos para a preservação e transmissão dessas narrativas para as gerações seguintes. Alguns estudos revelam que essas narrativas orais ainda são praticadas por pessoas idosas em comunidades tradicionais e rurais das cidades interioranas. Entretanto, elas são pouco abordadas no meio acadêmico, causando assim uma ideia de que essas tradições estão em via de extinção. Por isso, considero relevante a realização desse trabalho porque aproximarão os saberes tradicionais presentes nos causos, nas benzas e nas rezas aos saberes científicos, a partir de estudos já realizados sobre a temática que traçam um panorama da situação em que elas se encontram hoje, bem como, dar visibilidade a essas tradições. Este trabalho foi escrito na primeira pessoa do singular, porque as histórias e os rituais de benzimento e reza que apresento nele são as minhas memórias que foram formadas a partir das memórias e dos saberes populares de Dindo. Para o desenvolvimento desse trabalho foi utilizado à pesquisa qualitativa, em que foram analisados estudos realizados por alguns teóricos, principalmente, as reflexões de Benjamin (1994), Batista (2007), Zilberman (2010), Bosi (1994), Moura (2009), COSTA (1998), Hartmann (2011), Barreiros (2013) e Poel (2005), para fundamentar as informações subjetivas as quais foram tomadas como base para a realização dessa pesquisa. Desse modo, podemos considerar que as tradições orais abordadas nesse trabalho, assim como as demais, têm perdido espaço no cenário atual, mas existem formas de preservá-las, uma dessas formas é manter vivas as memórias dos velhos.

Palavras-chave: Narrativa (Retórica). Oliveira, Fernando Martins, 1927- - Biografia. Senso comum. Tradição oral - Bahia.

ABSTRACT

Oral narratives have generally declined considerably over the years. In this paper we present some of the causes, blessings and prayers practiced by Seu Fernando (Dindo) in order to reflect on the situation of these oral traditions in contemporary society, as well as to understand the role of the memories of the old for the preservation and transmission of these narratives to the following generations. Some studies reveal that these oral narratives are still practiced by older people in traditional and rural communities in the inner cities. However, they are little addressed in academia, thus giving rise to an idea that these traditions are on the brink of extinction. For this reason, I consider relevant the accomplishment of this work because they will bring together the traditional knowledge present in the causes, blessings and prayers to the scientific knowledge, from studies already carried out on the subject that give an overview of the situation in which they find themselves today, as well as how to give visibility to these traditions. This work was written in the first person singular, because the stories and rituals of blessing and pray that I present in it are my memories that were formed from the memories and popular knowledge of Dindo. For the development of this work was used qualitative research, which analyzed studies conducted by some theorists, especially the reflections of Benjamin (1994), Batista (2007), Zilberman (2010), Bosi (1994), Moura (2009) , COSTA (1998), Hartmann (2011), Barreiros (2013) and Poel (2005), to substantiate the subjective information which was taken as the basis for this research. Thus, we can consider that the oral traditions approached in this work, as well as the others, have lost space in the current scenario, but there are ways to preserve them, one of these ways is to keep the memories of the old ones alive.

Keywords: Common sense. Narrative (Rhetoric). Oliveira, Fernando Martins, 1927- - Biography. Oral Tradition - Bahia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Dindo aos 18 anos de idade	16
Figura 2	Dindo aos 88 anos de idade	17
Figura 3	Dindo proseando com os amigos	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DINDO – MEMÓRIAS DOS CAUSOS, BENZAS E REZAS	14
2.1	QUEM É DINDO?	14
2.1.1	A relação de Dindo com as pessoas da comunidade	17
2.2	CAUSOS DIÁRIOS	19
2.3	A BENZA PARA CURAR “ESPINHELA CAÍDA”	22
2.4	A TRADIÇÃO DE REZAR PARA FAZER O “CORDÃO DE SÃO FRANCISCO”	24
3	NARRATIVA ORAL - CAUSO, BENZA E REZA	26
3.1	NARRATIVA ORAL	26
3.1.1	Causo	28
3.1.2	Benza e reza	32
4	TRADIÇÃO ORAL E MEMÓRIA: ENTRE DECLÍNIO E PRESERVAÇÃO	36
4.1	BREVE REFLEXÕES SOBRE A ORALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	36
4.1.1	Causos: ainda existem contadores?	41
4.1.2	Quem acredita em benzas e rezas hoje?	45
4.2	A MEMÓRIA DOS VELHOS	49
4.2.1	Preservação	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que as narrativas orais, de modo geral, vêm declinando consideravelmente ao longo dos anos, neste trabalho retomo a memória dos causos, benzas e rezas praticados pelo meu avô Fernando com o objetivo de refletir sobre a situação dessas tradições orais na sociedade contemporânea, assim como, compreender o papel das memórias dos velhos para a preservação e transmissão dessas narrativas para as gerações seguintes.

A contação de causos, assim como os rituais de benzas e as rezas sempre fizeram parte da minha realidade de vida. Desde pequena escutava do meu avô as histórias de situações vivenciadas por ele e histórias que ele havia escutado de seus pais e do seu tio. Fui benzida varias vezes por ele e vi muitas pessoas serem benzidas também. Por isso, as tradições orais praticadas pelo meu avô são as motivações para a realização dessa pesquisa.

Os contadores de causos e os benzedores/rezadores normalmente são pessoas idosas que conhecem muito da sabedoria popular. Isso porque elas viveram e até mesmo participaram da criação de muitas tradições criadas a partir da experiência do povo. Os velhos são por isso, guardiãs da cultura e da tradição popular e ninguém melhor que eles está apto a transmiti-las para outras gerações, porque em suas memórias estão alojadas todas as experiências vividas as quais eles podem retomá-las a qualquer momento.

Alguns estudos revelam que essas narrativas orais ainda são praticadas por pessoas idosas em comunidades tradicionais e rurais das cidades interioranas. Entretanto, elas são pouco abordadas no meio acadêmico, causando assim uma ideia de que essas tradições estão em via de extinção. Por isso, considero a realização desse trabalho relevante porque aproximarão os saberes tradicionais presentes nos causos, nas benzas e nas rezas aos saberes científicos, a partir de estudos já realizados sobre a temática capazes de traçar um panorama da situação em que elas se encontram hoje, assim como, dar visibilidade a essas tradições por meio das memórias e tradições de Seu Fernando (Dindo), como forma de mantê-las vivas.

Vivemos numa época moderna em que os avanços tecnológicos têm alcançado em muitas populações, inclusive aquelas mais afastadas dos grandes centros urbanos. Isso, infelizmente, tem influenciado para que a sabedoria dos velhos

presentes nos causos, benzas e rezas não sejam mais recorridas e valorizadas da mesma forma em que eram antes. A desvalorização desses saberes contribui para o seu desaparecimento, pois se a sabedoria dos velhos não é transmitida para os mais jovens, ela morre com eles. Ciente disso, eis que surgem algumas indagações que serviram de questões problematizadoras para o desenvolvimento desse trabalho: qual o lugar das tradições orais na contemporaneidade? Ainda existem contadores de causos? Quem acredita em benzas e rezas hoje? E o que fazer para que a memória e os saberes dos velhos não morram com eles e se mantenham preservadas?

Esse trabalho foi escrito na primeira pessoa do singular, porque as histórias e os rituais de benzimento e reza que apresento nele são as minhas memórias que foram formadas a partir das memórias e dos saberes populares do meu avô. Para o desenvolvimento desse trabalho foi utilizado à pesquisa qualitativa, em que foram analisados estudos realizados por alguns teóricos, principalmente, as reflexões de Benjamin (1994), Batista (2007), Zilberman (2010), Bosi (1994), Moura (2009), COSTA (1998), Hartmann (2011), Barreiros (2013) e Poel (2005), para fundamentar as informações subjetivas as quais foram tomadas como base para a realização dessa pesquisa.

A estrutura deste trabalho está dividida da seguinte forma: o capítulo 2 é mais subjetivo, nele apresento a biografia de Seu Fernando (Dindo): quem é? (no presente porque ele permanece vivo em minha memória), e sua relação com as pessoas da comunidade. Reconto alguns dos causos que ele costumava contar diariamente, como por exemplo, as histórias sobre a lida com a roça e com a seca do sertão e rememoro os rituais de benzimento (espinhela caída) e a reza (cordão de São Francisco), os quais ele praticava com mais frequência. Nesse capítulo não há referências teóricas, são apenas minhas memórias entrelaçados às memórias de Dindo.

No capítulo 3 apresento algumas definições para narrativas orais, como um todo, e para os narradores, ressaltando os elementos básicos característicos das histórias orais e dos narradores. Também apresento alguns aspectos característicos do caso e dos contadores para distingui-lo do gênero oral conto e dessa forma, definir o caso como um gênero oral específico. Enfatizo as informações apresentadas recontando uma história que Dindo contava que indica que ele deve definido como um contador de causos. Na oportunidade defino também o que são

benzas e rezas e porque devemos classificá-las também como subgêneros dentro da narrativa oral, enfatizando que as pessoas que praticam esses rituais também devem ser consideradas narradoras por se tratarem de tradições praticadas e transmitidas por meio da oralidade.

O capítulo 4 é o mais longo porque foi dividido em dois subtópicos. No primeiro apresento algumas informações acerca do declínio da tradição oral com base no estudo realizado por Benjamin (1994) sobre a morte do narrador e faço uma breve reflexão a sobre a oralidade na sociedade contemporânea, ressaltando alguns fatores que contribuem para o declínio das narrativas atualmente. Prossigo o capítulo apresentando estudos que demonstram que os contadores de causos ainda existem em comunidades tradicionais e rurais e para isso, reconto algumas histórias que ouvia de Dindo até pouco tempo atrás como forma de evidenciar que os narradores ainda existem, apenas não são mais vistos e ouvidos. Finalizo o primeiro subtópico enfatizando alguns fatos que corroboram para a descrença das pessoas nas benzas e rezas.

O segundo subtópico do capítulo 4 apresento algumas definições para a memória e a importância dela para a tradição oral transmitida pelos velhos, apoio-me principalmente em Bosi (1994) para a realização dessa reflexão. Finalizo o capítulo apresentando algumas formas possíveis de preservar as memórias dos velhos e manter vivas suas histórias e tradições. Reservo o último capítulo para as considerações finais acerca das reflexões desenvolvidas neste trabalho.

2 DINDO – MEMÓRIAS DOS CAUSOS, BENZAS E REZAS

2.1 QUEM É DINDO?

Fernando Martins de Oliveira (meu avô materno) nasceu em uma pequena e humilde família no município de Seabra, região da Chapada Diamantina no sertão da Bahia, em 13 de março de 1927. Sua família era formada apenas por ele, sua irmã Hilda Martins de Oliveira, seu pai Alexandrino Martins de Oliveira e sua mãe Deolina Rosa de Oliveira. Seus pais faleceram quando ele ainda era adolescente, com apenas 12 anos de idade. Após o falecimento de seus pais, Seu Fernando e sua irmã foram morar com seu tio Zé Rufino, o qual terminou de criá-los, na cidade de Nova Redenção também na região da Chapada Diamantina. Foi nessa cidade que ele aprendeu a lidar com as atividades da roça, apoiado pela sabedoria do seu tio Zé Rufino.

Alcançado a maior idade, Seu Fernando casou-se com minha avó, Maria Isidoria de Jesus Oliveira, sua fiel companheira de toda uma vida. Após o casamento, eles se mudaram para o povoado do Macaco Seco, situado na cidade de Itaetê também na chapada Diamantina, Bahia. Foi nesse povoado que eles formaram sua família, ou melhor, sua grande família. Juntos tiveram nove filhos: Hilda, Alencar, Marlene, Marilene, Arnaldo, Aelço, Marielia, Marli e Maria (faleceu ainda bebê).

Para criar seus filhos, eles trabalhavam diariamente nas atividades da roça. Além da profissão de agricultor, Fernando também exercia a profissão de barbeiro (profissão que aprendeu ainda na juventude), mas isso apenas nos horários vagos. O gosto por essa atividade se dava, principalmente, porque era nesse momento que ele mais proseava (contava causos). Entretanto, seu olho brilhava ainda mais pela terra, pela plantação, pela colheita, era a lida com a terra que lhe dava mais prazer e experiência de vida.

Mesmo com toda dificuldade de lidar com a terra no sertão, devido ao longo período de seca que muitas vezes impossibilitava o cultivo da plantação, meu avô nunca perdia a esperança de que na época da colheita teria fartura. Pois, para ele e para a maioria dos moradores daquele povoado, o cultivo da terra era a única forma de subsistir em meio ao pobre sertão baiano e a esperança precisava permanecer mesmo em momentos difíceis.

A realidade de pobreza a qual Seu Fernando estava inserido que fez dele um benzedor/rezador. Ele começou a benzer e a rezar para curar as enfermidades das pessoas do seu povoado que tinham pouco, ou nenhum, acesso a tratamento médico e que acreditavam no poder da cura das rezas e da medicina popular.

Depois de seus filhos alcançarem a maior idade, ele e sua família saíram do povoado do Macaco Seco e foram morar na sede do município de Itaetê. Mudaram, especificamente, para a Cana-Brava, bairro periférico e pouco habitado, sua família foi uns das primeiras a habitar esse local. Foi nessa comunidade que sua família começou a crescer e atualmente, é formada por, além dos oito filhos, vinte e nove netos e vinte e seis bisnetos. Dois de seus filhos moram em outro estado, os demais permanecem morando na mesma rua em que foram morar décadas atrás. Seu Fernando comprou ali suas terras e começou um novo cultivo, dessa vez com mais experiência. Experiências essas, que não guardou apenas para si, e sim as repassaram, espontaneamente, por meio de causos, para seus filhos, netos e muitas outras pessoas do seu bairro, que procuravam por seus conselhos.

Segundo minha avó, meu avô era um homem de “lábria”, ou seja, dominava bem a oralidade. Gostava muito de conversar, ou como ele dizia, de prosear com as pessoas. Suas histórias eram as suas experiências de vida, principalmente as adquiridas com o manejo da terra. Eram histórias contadas espontaneamente e que transmitiam emoção e valores, por isso, Dindo deve ser caracterizado como um contador de causos que narrava suas experiências, sua história de vida, que muito contribuíram para a formação identitária de sua grande família e da sua comunidade.

Agora que Seu Fernando já foi apresentado pelo seu nome de batismo, preciso explicar o porquê de chamá-lo de Dindo. Esse pseudônimo surge após o nascimento de sua primeira neta, que era também sua afilhada. Os baianos costumam chamar seus padrinhos (as) de dindo (a), por isso sua neta carinhosamente lhe chamava de dindo e não de avô. Por conseguinte todos os demais netos também o chamavam de dindo. Algumas pessoas do bairro também lhe chamavam assim, muitos pelo carinho que nutriam por ele e por se sentirem como netos dele também, outros por pensarem que esse era o seu verdadeiro nome. Por isso, escrevo o nome Dindo sempre com inicial maiúscula porque deixou de ser uma forma carinhosa de tratamento para ser um nome próprio. Agora que já expliquei o seu pseudônimo, no decorrer desse trabalho o chamarei apenas de Dindo.

Dindo viveu rodeado de muito amor e respeito tanto de sua esposa, que faleceu aos 74 anos deixando muita saudade do seu olhar pacífico e acolhedor, como também de seus filhos, netos, bisnetos e de muitas pessoas de sua comunidade. Ele gostava muito de prostrar, disso eu não tenho dúvida, mesmo quando não estava conversando sua boca estava em movimento num musicalizado assovio, que se tornava ainda mais animado quando seu corpo o acompanhava com alguns passos de dança. Era sempre muito bom ouvir a voz de Dindo seja em causos, benzas e rezas ou nos simples afagos de avô para a neta. Mas, nos últimos dois anos de sua vida, pouco se ouviu da sua voz, pois um tumor na laringe gradativamente sucumbia sua fala, até que em 03 de outubro de 2015, aos 88 anos de idade, o mesmo tumor que tirou sua voz, também lhe tirou a vida, deixando em todos que lhe amava um sentimento de dor e de saudade. Dindo não mais vive a vida carnal, mas as suas histórias permanecem vivas nas memórias de todos que o escutava, inclusive na minha.

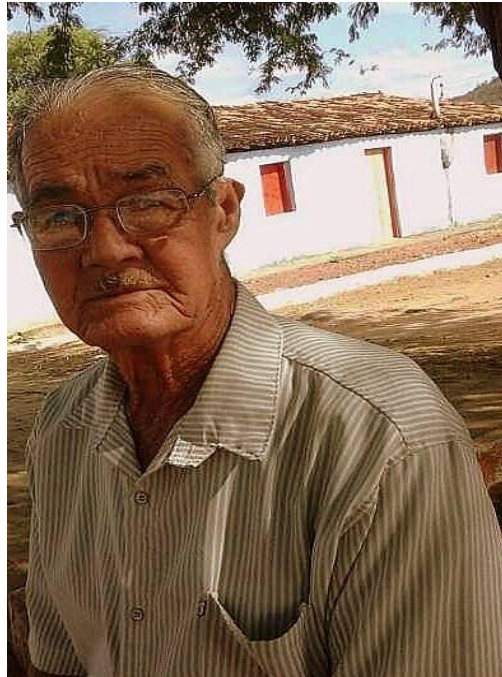
As imagens a seguir mostram Dindo em dois momentos da sua vida. A primeira no início da sua juventude e a segunda registrada meses antes do seu falecimento.

Figura 1 - Dindo aos 18 anos de idade



Fonte: Acervo pessoal

Figura 2 - Dindo aos 88 anos de idade



Fonte: Acervo pessoal.

2.1.1 A relação de dindo com as pessoas da comunidade

Mesmo se tratando de uma região predominantemente seca, o que dificulta a plantação e a colheita dos agricultores, dentre os pequenos produtores rurais, Dindo era uns dos maiores produtores de mamona da cidade. Por isso, Ele era bastante conhecido, principalmente pelos comerciantes locais. Essas pessoas conheciam seus causos, no entanto, não conheciam bem suas benzas, os rituais de benzimento eram mais restritos às pessoas de seu bairro.

Como já citado, Dindo foi um dos primeiros moradores do bairro de Cana-Brava e era também umas das pessoas mais idosa da localidade. Antes de mudar para essa comunidade, seus causos e as benzas já eram conhecidos pelas pessoas que ali moravam. Em se tratando de uma cidade pequena, é comum que as pessoas conheçam umas as outras e por causa disso, as informações circulam com maior rapidez e intensidade. Sempre que alguém iria falar de Dindo, o identificava sempre como o “prosador” e “benzedor/rezador”.

Havia entre Dindo e as pessoas da comunidade uma relação de afeto, ele gostava muito das pessoas daquele local e elas o retribuía da mesma forma. Nas cidades pequenas dos interiores do Brasil é muito comum as pessoas mais jovens

pedirem a benção aos mais velhos, isso significa respeito. Com Dindo não era diferente, as pessoas da comunidade, crianças, jovens e até mesmo adultos, o respeitava e costumavam pedir-lhe a benção. Lembro dele andando pelas ruas, que não são muitas, assoviando e sendo interrompido diversas vezes com o “‘bença’ Dindo” e ele carinhosamente respondia “Deus te abençoe, meu filho (a)”. Ele gostava muito de beijar, as pessoas costumavam dizer que ele tinha a “boca de beijo”. Sempre respeitoso, ele dava a benção e um beijo no rosto. Essa era mais uma forma dele transmitir o carinho que sentia por aquelas pessoas.

As pessoas confiavam nele, no poder de suas rezas utilizadas nos rituais de benzedura, confiavam nos seus causos, que eram mais conselhos que histórias e confiavam também no ser humano bom e prestativo que ele era. Dindo e minha avó eram tão queridos pelas pessoas do bairro, que apadrinharam muitas crianças que ali nasceram.

Quando alguém sentia alguma dor, primeiro recorria às benzas de Dindo. Se a criança ficasse adoentada (com o corpo “mole”), ele quem rezava para curar “mal olhado”. No seu quintal plantava várias ervas medicinais e quando alguma pessoa necessitava tratar alguma doença, ele prontamente indicava a erva que melhor servia para a cura da enfermidade. Marlene, sua filha e também minha mãe, herdou dele o conhecimento das ervas medicinais, inclusive, cultivava em seu quintal algumas espécies. E as pessoas, assim como fazia com Dindo, também recorrem a ela a procura dessas ervas para curar as impurezas do corpo.

Essa relação era tão forte que quando Dindo precisou ser hospitalizado, já no fim de sua vida, o hospital da cidade ficava sempre lotado no horário de visita, todos queriam vê-lo. Como não havia possibilidade de todos entrarem para visitá-lo, o médico, que o acompanhava e também o conhecia intimamente, decidiu tirá-lo da área de internamento comum e o transferiu para uma sala na qual seus familiares e seus muitos amigos pudessem visitá-lo todos os dias em qualquer horário.

Ver aquelas pessoas que gostavam verdadeiramente dele, de certa forma, lhe deu forças para lutar contra a doença. Quando Dindo recebeu alta do hospital, a sua casa ficava sempre cheia de visitas e de pessoas que queriam ajudar de alguma forma. Mesmo não podendo falar mais e respirando bem pouco, ele conseguia retribuir o carinho das pessoas com um olhar fraterno e de gratidão.

Dindo gostava de visitar os enfermos e era presença constante nos velórios que aconteciam no bairro e no restante da cidade também, ele aproveitava os velórios

que durava a noite inteira para contar seus causos e distrair as pessoas que ali estavam. Era uma pessoa solidária e afetuosa. Até o último dia de sua vida, esteve sempre rodeado de amor da família e do seu povo. No dia do seu falecimento sua casa ficou cheia de pessoas que foram dar a ele o último adeus.

Mesmo depois da sua morte, Dindo continua sendo lembrado. Sua memória ainda é viva nas lembranças de todos que tiveram o prazer de conviver com ele. Sempre que converso com essas pessoas escuto delas recordações das histórias que Dindo contava, das suas rezas e benzas e, principalmente, da alegria que ele transmitia enquanto viveu.

2.2 CAUSOS DIÁRIOS

Os causos contados diariamente por Dindo abordavam suas experiências de vida, principalmente, a lida na roça e o convívio com a seca. Todo fim de tarde, depois de um dia cansativo de trabalho na roça, ele saía de casa para prosear (era assim que ele denominava o ato de conversar e contar causos) com os seus vizinhos. No momento de sua saída, sua esposa costumava repetir seguinte pergunta: “já vai cantar reis, Fernando?” Isso porque, ele passeava de porta em porta, semelhante aos Ternos de Reis que anunciam a chegada do Menino Jesus de porta em porta. Diante do questionamento da minha avó, Dindo ria, e continuava a caminhar assoviando. Além de prosear nas casas dos vizinhos, ele também gostava de prosear debaixo do pé de juazeiro a frente de sua casa, o qual ele tinha muito apego emocional e dizia está fincado ali a sua vida. Ali ele contava seus causos, e todos o escutavam atentamente. Que alegria sentia em ouvir os seus causos, sempre emocionantes e sábios.

Seus causos surgiam sempre de alguma conversa do cotidiano, principalmente de assuntos relacionados ao cultivo da terra. Com muito prazer Dindo contava o que fazia para salvar os animais em período de seca. Para ele a palma (cacto típico do sertão) era a salvação do sertanejo, pois ela é resistente à seca e ainda mata a fome do homem e do animal, além disso, no período de seca, atrai a chuva (crença popular). Lembro da sua plantação de palma, onde todo final do dia ele soltava os animais para saciar sua fome. Com emoção ele sempre olhava para aquela cena e dizia *“enquanto houver palma nem os animais e nem os sertanejos morrem de fome, porque quando não tem capim no pasto, quando está tudo seco, a palma resiste, ela*

não morre, pelo contrário, quando maior for à seca mais verde a palma fica. Agora veja, pensa se existe uma planta melhor para se plantar no sertão? A palma serve para alimentar os gados e as cabras que vão produzir leite para a gente beber e ainda seve para o nosso alimento. Hum! Uma palma refolgada bem temperadinha com tocinho de porco e farinha, não tem nada melhor não, é uma delícia. A gente que vive na roça tem que aprender comer de tudo, se tiver galinha caipira e pernil de porco, graças a Deus é fartura, mas se tiver apenas a palma ferventada com sal, a gente come e agradece por ter o alimento do dia.

A época de chuva significa fartura na roça, por isso Dindo orientava que era preciso guardar um pouco do que colheu no período da colheita para manter o depósito abastecido na época da seca, período que não se colhe devido ao longo período de estiagem. Dindo produzia muita mamona, por isso mesmo conhecia as técnicas do plantio, da colheita e da venda. Ele ensinava aos seus filhos e vizinhos todo o manejo da mamona e de outros produtos que ele produzia na roça. Mas lembro, principalmente, dele ensinado como lucrar com a venda de mamona. Ele explicava da seguinte forma: *“no período de colheita vendemos metade da mamona, a outra parte estocamos para vendermos no período de seca, que é o momento de alta no preço do produto. Dessa forma, o lucro será maior, porque vamos ter mamona para vender o ano todo”*. Isso é sabedoria de quem lidou com essa atividade a vida toda.

Era impressionante a sua sabedoria, quando queria saber a situação climática olhava para o céu e identificava se iria chover ou não só pela posição das nuvens, porque segundo ele, a chuva só chegava se as nuvens estiverem carregadas para o lado contrário do vento, se o vento estiver indo na mesma direção das nuvens, ele acaba afastando as nuvens daquele local, tirando assim a possibilidade de chover. Dessa forma, quando as nuvens estavam carregadas para o norte e ventava na mesma direção, ele dizia que não choveria. Recordo-me ainda das pessoas passando em frente a sua casa, onde ele ficava debruçado sobre a janela e perguntando: será que vai chover Seu Fernando? Olhando para o céu ele respondia: *Vai nada! Olha o céu como está limpo, não tem nenhuma nuvem de chuva. Está até formado para acolá, mas a chuva não chega aqui não, porque as nuvens estão carregadas na mesma direção do vento, veja aí como o vento está puxando as nuvens para o outro lado. A chuva vai passar longe daqui. Vamos pedir ao Nosso Senhor do Bonfim que olhe por nós e mande chuva para regar nossa plantação.*

Suas previsões eram quase sempre corretas, às vezes contrariava até a previsão do tempo feita pelos meteorologistas. Isso é sabedoria popular, nenhum livro ensina, é adquirida pela experiência de vida.

Não era apenas o manejo da terra que Dindo conhecia. Ele também dizia conhecer os segredos da mata (terreno amplo de árvores silvestres) e nos contava algumas histórias sobre esses segredos, como por exemplo, a história da “Dona da mata”.

Lembro dele contando essa história, com um semblante serio e respeitoso: *Toda floresta tem uma guardiã, chamada de dona da mata e que para adentrá-la é preciso pedi-lhe permissão, principalmente os caçadores que normalmente entram na mata à noite. Antes de entrar na mata era preciso colocar sobre um toco (pedaço do tronco da árvore) um pedaço de “fumo de corda” (produto feito a partir do tabaco e enrolado num formato de corda para ser fumado ou mascado) e depois pedir licença para entrar dizendo assim: senhora dona da mata, sei que a natureza te pertence, mas te peço licença para tirar dela o meu sustento. Vocês podem não acreditar nessa história, mas é verdade e fazer o que eu estou dizendo é sinal de respeito com guardiã da mata, se a gente lhe der um agrado, ela não deixa que a gente se perca na mata. Caso a pessoa não faça isso, ela se perde e fica dando voltas dentro da mata sem achar a saída. Muitas vezes tive que buscar amigos meus que ficaram perdidos na mata porque desrespeitaram a guardiã e ela agiu com maldade. Por isso que eu digo, não brinca com ela.*

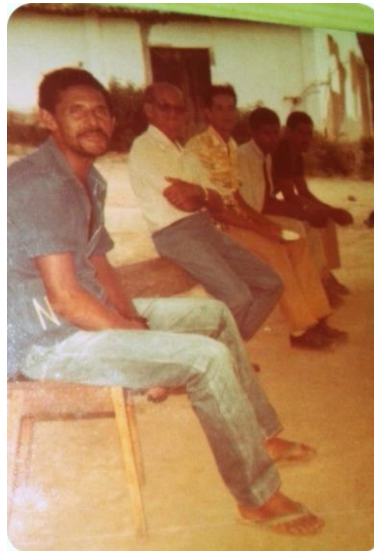
Confesso que toda vez que Dindo contava essa história eu tinha muito medo e sempre que eu ia para a roça e tinha que entrar em locais de mata fechada, eu pedia licença e agradava a dona da mata com um pedaço de fumo de corda. Para muitos essa história não passa de uma lenda, mas para mim, não. Além de ouvi-la, vi muitas vezes Dindo fazendo esse ritual para entrar na mata. Talvez a guardiã nem exista, mas ele acreditava em sua existência e a respeitava e nos ensinou a respeitá-la também. Enfim, acredito na existência da dona da mata e a respeito, e mesmo se houvesse dúvidas de sua existência também a respeitaria, porque prefiro seguir o conselho de Dindo: *“é melhor prevenir que remediar”*.

Dindo não sabia ler nem escrever, muito menos sabia o real sentido da palavra narrador. Ele apenas gostava de prostrar, pois, possuía muita sabedoria de vida e diariamente dividia suas experiências com as pessoas que procuravam seus conselhos e gostavam de ouvi-lo. Ao decorrer desse trabalho apresentarei outras

histórias de Dindo de forma mais detalhada, com base em fundamentações teóricas que o legitima como um contador de causos.

A imagem a seguir mostrará Dindo (terceira pessoa, vestindo camisa amarela), com aproximadamente 50 anos de idade proseando com alguns amigos debaixo do pé de juazeiro. Podemos notar na imagem que Dindo gostava de contar causos desde jovem, o que demonstra que não são apenas os velhos que podem contar histórias, os jovens também podem contar às histórias que escutam dos velhos. Dindo não gostava de ser fotografado, não se considerava fotogênico, esses são uns dos poucos registros que foi feito dele.

Figura 3 - Dindo proseando com os amigos



Fonte: Acervo pessoal.

2.3 A BENZA PARA CURAR “ESPINHELA CAÍDA”

Dindo mantinha a tradição de benzer contra muitas doenças, como “vento caído”, “mal olhado” e “espinhela caída”. Entretanto, a benza para levantar “espinhela caída”, também conhecida como “peito aberto”, era o ritual que ele realizava com maior frequência. Ele era conhecedor da medicina popular e sabia dizer onde fica a espinhela e o que causa a sua queda. Os principais sintomas da espinhela caída são: dores nas costas, estômagos e pernas e cansaço excessivo. Quando as pessoas relatavam esses sintomas para Dindo, ele imediatamente lhes dava o diagnóstico de espinhela caída. Segundo ele, a espinhela é um ossinho mole que vem do coração e fica quase entre os seios, e o que causa a sua queda é

o excesso de peso que a pessoa carrega sobre a cabeça ou costas.

Antes de rezar Dindo fazia a medição para verificar se a espinhela estava realmente caída. Primeiro ele pedia para que a pessoa colocasse os braços lado a lado em posição vertical, e com uma linha de algodão (barbante) fazia a medição do dedo mindinho à ponta do cotovelo, em ambos os braços. Feito isso, pegava a linha que havia feito a medição anterior, no tamanho exato da medição, e media novamente, agora na direção de um obro ao outro, se o cordão passasse da largura dos ombros a espinhela estava caída. Em seguida, amarrava o cordão na cintura e benzia fazendo o sinal da cruz sobre a espinhela (região localizada entre os seios). Para isso, repetia três vezes à seguinte reza: “com o poder de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, Deus veio ao mundo. Três coisas ele criou: A arca, o vento e a espinhela caída. Com o poder de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, Jesus Cristo se levantou”.

Enquanto Dindo benzia, a pessoa que recebia o benzimento segurava com as duas mãos uma corda que ficava amarrada ao telhado, essa corda era fixa no telhado do quarto onde ele realizava as benzas. Durante o benzimento, Dindo falava “caminha para cá” e o benzido respondia “não posso caminhar”, depois ele perguntava “o que é que tem?” e a pessoa respondia “espinhela caída”. Esse ritual era repetido por três vezes seguidas.

Nos ritos finais, Dindo pedia que o benzido colocasse os braços rentes aos seios e o abraçava com força por cima dos braços para que a espinhela voltasse para o seu lugar de origem. Feito isso, ele retirava o cordão da cintura da pessoa e rezava um Pai Nosso e três Aves Maria enquanto dava um nó no cordão. Esse cordão era embalado e guardado aos pés dos seus Santos, Senhor do Bonfim e Bom Jesus da Lapa, os quais Dindo nutria uma fervorosa devoção. Para confirmar se a espinhela havia sido realmente levantada, Dindo ainda puxava todos os dedos das mãos do benzido, um a um. Se o dedo estralasse a espinhela teria voltado para o lugar, mas se isso não acontecesse, a espinhela continuava caída e o ritual de benzimento precisava ser realizado novamente, num outro dia. As benzas aconteciam, preferencialmente, pela manhã e nunca poderia acontecer depois do pôr do sol. Dindo, normalmente, benzia apenas uma vez, mas se a espinhela continuasse caída ele rezava por três dias seguidos, de preferência no mesmo horário.

Findo o ritual de benzimento, era o momento de Dindo fazer suas

recomendações. Ele dizia ao bento “olha, você não pode carregar peso, varrer casa, comer pimenta e nem tomar bebida com álcool, esse resguardo terá duração de sete dias”. Dindo não cobrava pela benza, em geral os benzedores não cobram pela benza, eles apenas fazem seu ofício. Depois de benzido com a fé de estar curada, a pessoa apenas agradecia e se despedia com o sorriso no rosto, também com um sorriso no rosto, Dindo a retribuía com pedido de benção: “que Deus te abençoe”.

2.4 A TRADIÇÃO DE REZAR PARA FAZER O “CORDÃO DE SÃO FRANCISCO”

A devoção a São Francisco de Assis é muito presente na cultura popular, que enraíza suas histórias na fé, seja na reza ou nos benditos. São diversos benditos e rezas dedicados ao Santo, dentre as rezas está o “cordão de São Francisco” (POEL, 1983). De acordo com a fé popular, o cordão de São Francisco é utilizado para varias finalidades. Uma delas é o uso do cordão no defunto para livrar sua alma das tentações do demônio e conduzi-lo aos céus. Essa crença popular está ligada ao candomblé e ao catolicismo, religiões que possuem muitos adeptos no estado da Bahia.

A tradição de fazer cordão de São Francisco esteve presente na vida de Dindo desde a sua juventude. Ele morava num povoado de uma pequena cidade em que a maior parte da população seguia a religião católica ou o candomblé, ou ainda, as duas religiões concomitantemente. Durante muito tempo, ele foi à única pessoa da sua comunidade que sabia fazer o cordão, por isso, sempre que alguém morria os familiares do falecido logo chegavam a sua porta solicitando o cordão de São Francisco. Dindo não negava o ofício e a solicitação era imediatamente atendida, afinal o defunto não poderia esperar.

Para fazer o cordão de São Francisco, ele precisava do auxilio de duas pessoas, normalmente sua esposa e um dos seus filhos ou netos, eu inclusive o ajudei diversas vezes. O material utilizado para fazer o cordão era a linha de algodão (barbante). As duas pessoas que o auxiliava, ficavam uma em frente à outra numa distância de três metros, em média, segurando as pontas da linha enquanto Dindo amarrava os nós e rezava.

Quanto ao número de nós no cordão, podem ser três ou cinco, Dindo preferia fazer três nós. Esses nós significam as três virtudes do Seráfico Pai (São Francisco

de Assis): A pobreza, a Castidade e a Penitência. A cada nó feito, ele rezava um Pai Nosso e uma Ave-Maria, depois falava o nome do falecido que iria usar o cordão na cintura, como forma de benzê-lo. De acordo com a crença popular, fortemente enfatizada por Dindo, os nós do cordão de São Francisco afastam a maldição do inimigo e livra a alma do purgatório.

Apesar da reza ser factível, nem todo mundo pode realizá-la, pois necessita de muita fé. Recordo-me ainda das palavras de Dindo: “O que liberta não é a reza por si só, e sim a fé que temos no poder dela. Se a pessoa não tem fé, não pode fazer o cordão de São Francisco, porque sua reza não terá força para libertar a alma do defunto da maldição do purgatório”.

Dindo manteve essa tradição até seus últimos anos de vida. Mesmo desprovido de saúde, ele ainda fazia o cordão de São Francisco. Inclusive, ele quem fez o cordão para usá-lo no dia da sua morte.

Por entender que a memória são lembranças que recorreremos sempre que precisamos voltar ao passado, considere importante reservar este capítulo para apresentar quem é Dindo e sua relação com as pessoas da comunidade, assim como, alguns de seus causos, benzas e rezas. O capítulo foi escrito todo em primeira pessoa, porque apresento nele as minhas recordações sobre as memórias de Dindo. Observe que utilizei o verbo ser no tempo presente para designar uma pessoa que já faleceu. Isso, porque, apesar de Dindo não mais ter vida carnal, ele e suas histórias permanecem vivos em minha memória.

As histórias, as benzas e rezas de Dindo serviram de inspiração para que eu desenvolvesse este estudo sobre narrativas orais. Quando aposento algumas das características de Dindo, de certa forma, apresento também as características de outros narradores, porque o mesmo sem saber, ele apresentava práticas e comportamentos comuns a todos os narradores. Por isso, considero este capítulo parte fundamental desse trabalho, porque servirá como base para o estudo das tradições orais (causo, benza e reza) que serão desenvolvidos nos capítulos seguintes.

3 NARRATIVA ORAL - CAUSO, BENZA E REZA

No capítulo anterior, apresentei alguns causos narrados por Dindo, que ficaram alojados em minha memória, bem como, a benza (espinhela caída) e a reza (Cordão de São Francisco). Esse capítulo, por sua vez, dará foco aos estudos teóricos para apresentar as principais características da narrativa oral, e na oportunidade, apresentarei ainda algumas definições para o caso, a benza e a reza enfatizando algumas razões pelas quais devemos reconhecê-los como subgêneros dentro da narrativa oral.

3.1 NARRATIVA ORAL

A narrativa oral é uma arte praticada a milhares de anos pelos nossos antepassados e permanece, mesmo que em menor proporção, até os dias atuais. Aurélio (2010) define a narrativa oral como uma forma literária pela qual são expostos, verbalmente, fatos reais e imaginários, como os contos e as histórias. Essa exposição é conduzida pelos narradores, que garantem a continuidade da tradição das histórias orais.

Benjamin (1994) considera a existência de dois tipos fundamentais de narradores, o viajante e o sedentário. O narrador viajante é aquele que tem muita coisa para contar sobre as aventuras e descobertas das suas viagens, as histórias são novidades para os que ficaram por isso desperta nos ouvintes curiosidade e fascínio. O outro tipo de narrador, o sedentário, não tem novidades para contar porque não viaja, mas conhece muito das tradições e das histórias do seu país. Mesmo se tratando de histórias diferentes, as histórias dos dois narradores são importantes para o ouvinte. Uma transmite o novo, o que está por vir, a outra transmite o passado, a experiência, ambas necessárias para a formação da identidade do indivíduo.

Ainda segundo Benjamin (1994, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. As narrativas orais não fazem uso da escrita para a sua transmissão, faz uso apenas da oralidade. Para Pereira (2013) a oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob diferentes gêneros textuais que utilizam a sonoridade. Nesse sentido, o narrador quem dar voz as histórias, elas contadas partir da memória do

narrador, primeiro elas foram escritas em linhas imaginárias alojadas em sua memória e depois transmitidas através da fala.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Para o autor, a narrativa oral acontece de forma espontânea. O narrador não narra à história relatando-a como uma informação, na verdade, o narrador conta a história conforme ela foi introduzida em sua vida. Mesmo que a história já tenha sido contada por outrem, o narrador coloca nela a sua marca, a sua experiência. Desse modo, o narrador utiliza, ao menos, dois elementos básicos para desenvolver a narrativa da história: a memória e a performance.

“Memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objetivo é um ‘antes’ experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário” (ZILBERMAN, 2010, p. 28). Considerando a perspectiva da autora, a memória é a primeira fonte recorrida pelo narrador para contar determinada história, porque ela remete ao passado. A memória funciona como um armazenamento interno, o qual guarda as lembranças e as recordações, que os narradores recorrem quando necessário. A identidade individual é formada a partir da identidade coletiva e a memória é parte fundamental para essa construção, porque é nela que o indivíduo acumula o conhecimento adquirido através da convivência com outros indivíduos, o que possibilita a criação de sua identidade pessoal.

Conforme D’Ajjello (2010, p. 189), “a lembrança é um ato de memória, a performance é a experiência linguística social deste ato”. Desse modo, a performance é a forma como a pessoa se expressa na transmissão oral face-a-face. A narrativa oral permite que o contador narre às histórias inserindo nelas fatos de sua realidade e utilizando-se de expressões corporais e faciais, aumento e diminuição do tom de voz, emoção, suspense, entre outros.

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos

princiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho, e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (BOSI, 1994, p. 90).

A performance necessária para que a história ganhe veracidade e para prender a atenção de quem a escuta. Um bom exemplo performances pode ser visto na obra “Cinderela nos entrelaces da tradição”, em que Costa (1997) apresenta as diferentes formas em que o conto popular “Cinderela” é narrado em algumas cidades do Estado da Bahia. Em todas as histórias narradas, nota-se que os contadores mudam o nome do conto, dos personagens e suas características, mas a essência da história permanece, eles apenas adaptam a história a sua realidade e escolhem a melhor forma de convencer o ouvinte de que a história é real.

Zumthor (1997, p. 50) considera que “na literatura oral, os ‘gêneros’, quaisquer que sejam, apresentam uma convencionalidade particular, necessária ao funcionamento da comunicação: as suas marcas se encontram tanto, ou mais, na situação do que no texto”. Partindo da proposição do autor, de que os gêneros da literatura oral apresentam costumes e hábitos que os caracterizam e que estas características são percebidas nas situações em que os gêneros são utilizados. A seguir apresento alguns conceitos acerca de causo, benza e reza, baseados em fundamentações teóricas que nos possibilita recolhê-los como subgêneros da narrativa oral.

3.1.1 Causo

Batista (2007) apresenta algumas definições para o causo a partir de pesquisas realizadas nos dicionários Aurélio (2000) e Houaiss (2005). No Aurélio “causo” e “caso” apresentam a mesma definição: caso é definido como “acontecimento, fato, ocorrência”. Causo, por sua vez, aparece como uma variação popular da palavra caso. Isso significa que os dois termos têm conceitos iguais e são usados por pessoas de nível intelectual diferente. O caso é utilizado por pessoas cultas, enquanto o causo faz parte do vocabulário das pessoas menos escolarizadas. A autora ainda enfatiza que em algumas situações, a palavra causo é grafada entre aspas, com a intenção de mostrar que esse é o modo incorreto de escrever ou falar a palavra caso. O dicionário Houaiss (2005), por sua vez, define a

palavra *causo* como uma narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto. Observa que esse apresenta uma definição com características próximas das particularidades do gênero *causo* diferentemente da definição apresentada pelo dicionário anterior.

Através de conversas com contadores de *causos* e contos populares, Batista (2007) concluiu que o termo *causo* possui características próprias e pertence à língua portuguesa padrão, não a língua estigmatizada, utilizadas normalmente pelas pessoas de regiões rurais e sertanejas. Além disso, a autora também defende que o termo é classificado como um gênero discursivo distinto do gênero *caso*, e se faz presente principalmente, nas narrativas orais.

Bakhtin (2000) classifica os gêneros discursivos em dois grupos diferentes, os primários e os secundários. Os primários são caracterizados como simples, porque se apresentam em situações de comunicação verbal espontânea e informal do cotidiano, ao passo que, os gêneros secundários são considerados complexos, porque aparecem em situações em que a comunicação é mais evoluída e culta, seja na fala ou escrita. Essa classificação, de certa forma, converge com os argumentos apresentados por Batista (2007), tendo em vista que, o gênero *causo* apresenta características, como a oralidade, a espontaneidade, a simplicidade, a informalidade, que nos levam a classificá-lo como gênero textual primário.

Como forma de comprovar que o *causo* é um gênero narrativo oral, Batista (2007) compara às características do *causo* às do conto popular, para mostrar que os critérios de classificação de um não são compatíveis aos do outro. Simonsen (1987 apud Batista 2007) “classifica o conto popular como narrativa ficcional destinada ao entretenimento”. Para tanto, Batista (2007), ressalta outros aspectos do conto, a saber: o anonimato, o caráter coletivo da produção e a possibilidade de migração do conto, que podem ser adaptados a diferentes lugares tempos e culturas. E ainda ressalta alguns aspectos restritos ao *causo*:

Diferente do conto, o *causo* é uma narrativa oral não-ficcional, ainda que para o ouvinte às vezes pareça evidente a presença de elementos ficcionais, ele não se assume como tal, apresentando-se como um relato de fatos vividos ou testemunhados por aquele que conta, podendo também ter sido ouvido e transmitido por outrem (...). Outro aspecto a distinguir o *causo* do conto popular é que o *causo* não é um relato anônimo nem coletivo: quem o conta é seu “autor”. Quando o fato que deu origem ao *causo* não foi vivido ou testemunhado por quem conta, é dada a referência: diz-se quem contou (...). (BATISTA, 2007)

Para a autora, ao contrario dos contadores de conto popular, que contam histórias fictícias, sem autoria reconhecida, destinadas apenas ao entretenimento, os contadores de causos, normalmente, contam as histórias vivenciadas. E mesmo quando o contador de causos conta uma história vivida por outra pessoa, ele ressalta o nome da pessoal que a experienciou e que depois a contou. Os causos podem até ser coletivo, ser comum a mais de uma pessoa, mas nunca anônimo, o contador sempre nomeia sua fonte.

“Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica” (BENJAMIN, 1994, p. 9). Observe que mesmo não havendo conceito específico para o gênero causo e muitas vezes ser associado ao caso, ele apresenta características próprias que são facilmente identificadas pelo o ouvinte quando escuta uma história. As características que indicam que a história pertence ao gênero causo são: experiência (vivida pelo próprio contador); testemunho (presenciado pelo próprio contador); autoria (ação feita pelo próprio contador) e fonte (quem contou a história ao contador). Ademais, os causos, em sua maioria, têm por objetivo transmitir uma moral que foi vivida pelo contador e que certamente será lembrada pelo ouvinte em algum momento da sua vida.

Os fatos passam pelo filtro da memória, dos valores, das crenças, o que foi mais significativo de acordo com a vivência de cada contador, que coloca na narrativa o seu olhar, que escolhe os pormenores a narrar. O causo é, assim, o acontecimento subjetivado pelo contador e trabalhado de acordo com as suas intenções comunicativas de modo a provocar uma reação no ouvinte. (BATISTA, 2007, p. 102)

Assim como Dindo, a maior parte dos contadores de causos não conhece a leitura e nem a escrita, os recursos utilizados pelos contadores de causos são apenas a memória e a oralidade. Ainda não ouvi nem li relatos de alguém que tenha escutado a um causo contado a partir da leitura de um livro, digo o livro utilizado como recurso físico para o ato da contação. O que se ver, na verdade, são pessoas que retomam em sua memória situações, fatos vividos ou testemunhados para serem expostos em forma de histórias utilizando de performances comunicativas para provocar a reação do ouvinte.

Como apresentadas no capítulo anterior, Dindo contava suas histórias de vida, suas experiências. Rara às vezes ele contava histórias fictícias, normalmente tudo que ele contava foram vividas ou testemunhadas por ele. As histórias de Dindo eram sempre fundamentadas por alguma situação e a maioria serviam de conselho, pois eram carregadas de sabedoria de vida, enfim ele narrava sua vida. Como o contador sempre recorre a sua memória para situar o fato no tempo, Dindo sempre iniciava seus causos com os dizeres: “no tempo dos meus avós”, “no meu tempo” “há muitos anos” “quando eu era criança”, dentre outros. Iniciar uma história usando essas palavras é mais uma forma de caracterizá-la como um causo.

A seguir reconto uma história de Dindo para demonstrar que ele deve ser considerado um contador de causos porque utilizava os elementos característicos dos contadores de causo apresentados acima.

No tempo da minha juventude, logo quando casei com Maria, eu e outros amigos precisávamos viajar a cavalo de Itaetê a Andaraí, para tentar pegar dinheiro emprestado no Banco para comprar sementes para o plantio e mantimentos para a casa. Acontece que a distância de uma cidade para outra é muito longa e agente passava dias e noites na estrada, precisávamos comer e dormir. As pessoas que moravam a beira da rodagem (estrada) davam comida e dormida pra gente. No dia seguinte, antes de pegar a estrada, tomávamos um cafezinho e contávamos como estava sendo a viagem e como estava à família, isso é muito raro nos dias de hoje. A prosa não era demorada, mas era muito boa porque a gente esquecia a dureza da vida e ficava feliz por ter pessoas de bom coração que nos recebia nas suas casas, nos dava comida e dormida e ainda perguntava sobre nossa família e contavam também sobre a família delas. Vocês não conhecem essas pessoas, mas elas conhecem vocês, de tanto eu falar da minha família. É por isso que eu gosto de tomar café e prosear todo dia bem de cedinho com vocês, isso me lembra aquele tempo que era duro, mas que me deu a oportunidade de conhecer muitas pessoas boas. Espero que depois que eu e Maria morreremos, vocês continuem conversando assim, pois a família tem quer ser unida para todos os momentos. E não se esqueçam dos amigos porque os amigos às vezes formam nossa família também.

Dindo gostava muito de contar essa história nas manhãs frias do sertão em que filhos e netos se reuniam em sua casa para tomarem o primeiro cafezinho do dia e “tirar um dedinho de prosa”. Segundo ele, foi por causa dessas viagens contadas na história que ele criou o habito de se reunir com a família todas as manhãs.

3.1.2 Benza e reza

A prática de benzimento através da reza é uma tradição milenar utilizada como medicina religiosa para a cura dos males do corpo e da alma. Devido aos avanços da medicina científica, atualmente, essa prática não é mais utilizada na mesma proporção ao qual era no passado, mas ainda é praticado pelas pessoas mais velhas nas zonas rurais e comunidades tradicionais das cidades interioranas. Em geral, a benza é definida como o ato de curar por meio de rezas, simpatias, e remédios naturais. Nos rituais de benzeção, a reza é utilizada como meio de conduzir a benza, ou seja, é através da reza que o benzedor suplica pela a cura dos males. Por isso, alguns estudiosos apresentam a mesma definição para benza e reza. A forma como as pessoas fazem essa denominação depende do local onde se vive, por exemplo, Dindo era conhecido como benzedor ou rezador, porque para as pessoas sua comunidade ambos tem o mesmo significado.

Os rituais de benzimento são tradições orais. Os benzedores não utilizam leitura de livros para realizar a reza, muito menos aprendem a benzer com ensinamentos dos recursos escritos. Na verdade, o ofício do benzimento é uma tradição passada de geração para geração através da oralidade.

Não há restrição de gênero para essa prática, tanto o homem quanto a mulher podem ser benzedores, contudo, maior parte dos benzedores é do sexo feminino. Normalmente, o benzedor é uma pessoa mais velha que possui muita sabedoria sobre a medicina popular e religiosa. Ele mantém uma relação de confiança com as pessoas da comunidade onde vive. O benzedor é visto como um ser que consegue manter contato com as entidades Divinas, por isso, as pessoas a procura porque acreditam em sua sabedoria e confiam que sua reza é capaz de curar seus males (MOURA, 2009).

De acordo com Moura (2009), “benzedura é um saber prático e experiencial que não advêm de uma especialização formal como no caso dos médicos e farmacêuticos”. Isso significa que os benzedores não recorrem aos livros nem ao ensino formal para aprender a benzedura, os conhecimentos medicinais e religiosos dos benzedores são adquiridos através da observação das praticas dos rituais realizados por outros benzedores, ou seja, aprendemos observando o ato da benza e escutando a reza do benzedor.

Foi assim que eu aprendi com meu avô a reza para curar espinhela caída. Lembro que eu ficava observando Dindo rezando e depois ele me explicava como fazia: “olha minha filha, primeiro a gente mede com um cordão o espaço entre os ombros da pessoa, depois a gente mede o espaço entre o cotovelo e o dedo mindinho, se o tamanho do espaço for diferente, a espinhela está caída, aí a gente reza para levantar”. No entanto, para realizar o ofício da benza, é preciso, ter dom, ter fé e respeito pelos rituais de benzimento. Além do dom do benzedor é necessário que a pessoa que será benzida também tenha fé que será curada, caso contrário, o benzimento não tem efeito, não cura os males do corpo e da alma que afligem a pessoa que procura pelo ritual.

Benzedeiros (as) podem ser considerados como “cientistas populares”, isto é, sujeitos que combinam elementos místicos da religião e a magia aos conhecimentos da medicina popular. Falam em nome de uma religião e atuam no limiar entre esta e a medicina (OLIVEIRA, 1983, apud, MOURA, 2010).

Segundo a autora, os benzedores podem ser considerados “cientistas populares” porque misturam a sabedoria e a fé popular para curar os males do corpo e da alma através das rezas, simpatias e das ervas medicinais. Os rituais de cura envolvem a reza, a benza e as ervas (usadas ,principalmente, em beberagem). Dindo por exemplo, utilizava diversas ervas medicinais para cura de doenças. Para enfermidades, como dor de cabeça e dor de barriga ele recomendava o chá de “pra tudo” (feita com a casca da aroeira seca e triturada em forma de pó), para cólica menstrual, chá de “trançagem”, para catapora, banho de “sabugueiro” por três dias seguidos. Essas sabedorias pertencem ao povo, e são transmitidas no boca a boca.

Quanto ao local de realização do benzimento, é importante enfatizar que ocorre sempre na casa do benzedor, normalmente há um espaço reservado para esse fim. Se o enfermo estiver acamado, o benzedor vai até a casa dele para realizar a benzedura, mas isso é uma exceção, em qualquer outra situação o ritual é sempre realizado na casa do benzedor.

O benzedor é sempre hospitaleiro, recebe as pessoas com carinho. “É um indivíduo dotado de dons pessoais, isto é, de carisma e de poderes mágicos” (MOURA, 2010, p. 346). Lembro que na casa de Dindo havia um quarto reservado para realizar os rituais, após acolher a pessoa, ele a levava a esse espaço para realizar o benzimento. Os rituais podem acontecer em dias e horários específicos,

por exemplo, antes do nascer do sol, antes do pôr do sol ou em certa fase lunar. Dindo costumava benzer antes do pôr do sol e nunca benzia no período de lua minguante. Segundo ele, a lua minguante representa atraso e impede que a reza chegue aos ouvidos de Deus e a cura não é concedida ao enfermo.

Nesse capítulo foram apresentados alguns conceitos e características a cerca do causo, da benza e da reza com o objetivo de mostrar que esses gêneros apresentam os aspectos necessários para classificá-los como subgêneros da narrativa oral. Diante disso, mesmo se tratando de práticas sociais diferentes, constata-se que o meio utilizado para realização dessas práticas é semelhante, a oralidade é o principal meio para a realização e transmissão dessas tradições.

Batista (2007) enfatiza que o causo apresenta características próprias como à oralidade, a espontaneidade, a simplicidade, a informalidade. De acordo com a classificação dos gêneros discursivos de Bakhtin (2000), apenas pela existência desses aspectos, pode-se assegurar que o causo se enquadra na categoria de gêneros primários, porque apresenta os requisitos básicos pertencentes a esses gêneros. Destaco ainda o que diz Benjamin (1994), que o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. Entende-se com isso, que o causo é um gênero, exclusivamente oral, porque os narradores não fazem uso da escrita e leitura para contar suas histórias, ele narra às experiências que estão alojadas em sua memória e conta também o que lhe foi contado da experiência de outem.

O benzimento é um ritual em que os benzedores rezam oralmente para as curas das enfermidades do corpo e da alma. Não utilizam os livros para ler as rezas, elas são faladas pelos benzedores enquanto eles realizam os rituais de benzimento, que envolvem também a performance, uma vez que, são necessários a utilização de gestos com os galhos de ervas ou apenas o movimento corporal do benzedor. Eles também fazem uso da oralidade para a transmissão do dom, a considerar que é através da fala que eles ensinam aos seus sucessores as rezas utilizadas nos rituais de benzimento.

Segundo Moura (2009) é por meio das repetições das palavras usadas nos rituais que os benzedores transmitem a tradição de geração para geração. Essas palavras não são escritas e lidas depois, elas são memorizadas pela pessoa que está recebendo o dom e precisam ser repetidas por ela conforme as foi ensinada, para que o poder dessas palavras permaneça.

Diante disso, por entender que narrativas orais são aquelas transmitidas pela fala e com a presença de pelo ao menos um ouvinte, as alegações apresentadas a cerca do causo, da benza e da reza, asseveram que eles devem ser reconhecidos como subgênero dentro da narrativa oral.

4 TRADIÇÃO ORAL E MEMÓRIA: ENTRE DECLÍNIO E PRESERVAÇÃO

4.1 BREVE REFLEXÕES SOBRE A ORALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Antes de refletir sobre a oralidade em contexto atual, considero importante pontuar alguns fatores que ao longo dos anos vêm contribuindo para o enfraquecimento dessa tradição. O declínio das narrativas orais não é algo recente, há décadas alguns teóricos como Walter Benjamin já nós alertavam sobre essa possibilidade. Considerado um dos maiores estudiosos sobre essa temática, Benjamin (1994) em o “O narrador” faz algumas considerações acerca do desaparecimento do narrador na sociedade moderna. A partir das obras do escritor Nikolai Leskov, o autor reflete sobre a extinção da arte de narrar histórias. Segundo ele, esta arte estaria desaparecendo porque os seres humanos estariam perdendo a capacidade de intercambiar experiências e de ouvir os sábios conselhos transmitidos pelos narradores. “Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (p. 200).

Para o autor, acontecimentos drásticos como a Primeira Guerra Mundial, contribuíram para que as pessoas deixassem de compartilhar experiências. Os soldados que voltavam da guerra traziam consigo lembranças tristes que causam dor profunda ao serem retomadas. Foi essa experiência traumática da guerra que deixou por muito tempo os homens mudos, incapazes de se expressarem e de narrarem os acontecimentos vividos durante esse período. O pensamento de Benjamin nos leva a entender que a modernidade que traz avanços importantes para sociedade, também altera o comportamento social humano.

Benjamin ainda apresenta o surgimento do romance na era moderna como mais um fator que iria contribuir para o desaparecimento da narrativa oral. “A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance” (p. 201). Para o autor, o romance está ligado ao livro e não faz menção a oralidade, seu foco é a escrita, se tornando, portanto, concorrente das tradições orais. Além disso, o romance é representante da individualidade porque a história narrada diz respeito à experiência e a vida de um único indivíduo que não é expressa verbalmente, é apenas escrita. Ao contrário dos

narradores que contam suas experiências, mas contam também as experiências vividas por outras pessoas.

A informação também é apresentada pelo autor como fator ameaçador, porque se trata de acontecimento recente (presente), ao passo que, os narradores recorrem aos saberes adquiridos com a experiência e que ficaram alojados em sua memória, ou seja, recorrem sempre ao passado. A criação da informação através da imprensa põe em vulnerabilidade a existência da narrativa oral, tendo em vista que, as informações precisam de respaldo e de comprovação previa, enquanto as histórias orais não. Na narrativa oral, a verossimilhança da história é enfatizada pelo narrador, ele quem cria sua própria verdade utilizando de habilidades e conhecimentos dos quais dispõe, como forma de inserir os ouvintes na própria história, fazendo com que eles vivam as mesmas experiências que os personagens viveram.

A sociedade atual se configura de modo bastante distinta da sociedade moderna a que Benjamin se referia em *O Narrador*. Entretanto, observa-se que as inquietações que o teórico apresentou em sua obra, ainda são muito pertinentes nos dias atuais, a notar que à medida que os anos passam o processo de extinção das tradições orais ganham mais intensidade. Mesmo sabendo que a história, segundo Michael Frisch (2006), é importante porque molda à memória coletiva, infelizmente, as pessoas não mais se interessam, ou não na mesma proporção em que era antes, pelas histórias contadas pelos velhos, pelos seus conselhos carregados de sabedoria de vida, que por muito tempo serviram como agentes da construção da identidade individual e coletiva. A ausência do interesse em ouvir as histórias dos velhos leva-nos a reconhecer que as narrativas tradicionais vêm perdendo espaço na sociedade contemporânea.

De modo geral essa é a realidade das narrativas orais na maior parte do mundo moderno e globalizado. Contudo, se fizermos uma análise mais centradas em locais específicos, veremos que em algumas sociedades as tradições orais ainda são valorizadas e são bastante utilizadas, como é o caso de muitos países do continente africano.

Durante o processo de colonização de muitos desses países algumas tradições se perderam. Muitos fatores foram responsáveis por esse desaparecimento, sobretudo, as imposições da língua e da cultura dos colonizadores que obrigaram os nativos a rejeitarem suas línguas e tradições para se tornarem assimilados dos costumes e da cultura dos colonizadores. Após a libertação, muitos desses países

conseguiram retomar aos seus costumes e reconstruir as tradições e a identidade cultural dos seus povos que resistem até os dias atuais.

A cerca das tradições orais na África, Duarte (2009) desenvolve um trabalho que objetiva mostrar que as tradições orais ainda resistem nas sociedades tradicionais do continente africano. A autora considera que a tradição oral é considerada uma preciosidade para a população africana porque se configura como um método de manutenção da memória e da cultura desses povos. Estudos recentes comprovam que muitos países africanos, que durante muitos anos foram considerados ágrafos, mantêm a tradição oral para a transmissão de geração para geração das memórias dos ancestrais, que servem como uma forma de conservação da identidade cultural das comunidades africanas. Como é o caso de Angola, em que os contos tradicionais são narrados pelas pessoas mais velhas da comunidade e também pelos *griots* (responsáveis pela música e poesia, pelos contos e pelas histórias da comunidade).

Mais que qualquer outra pessoa, os indígenas são conhecedores profundos da cultura e da medicina popular. Eles vivem e transmitem essas tradições entre seus povos. Isso porque, os índios são tradicionalmente reconhecidos como povos de cultura oral e que sobrevivem basicamente do conhecimento da terra e da mata, transmitidos pelos os indígenas mais experientes e pelos pajés de suas tribos. Apesar de não serem amplamente difundidas entre os demais brasileiros, até mesmo por serem consideradas sagradas, as tradições orais indígenas resistem ao tempo e são praticadas diariamente em inúmeras tribos espalhadas pelo Brasil.

A tradição oral no Brasil recebeu muitas influências culturais oriundas das tradições dos povos africanos, devido à escravatura, mesclado com as influências linguísticas e culturais trazidas pelos portugueses no período da colonização e com as culturas indígenas que aqui já existiam. Entretanto, a tradição oral brasileira não se igualou a nenhuma dessas tradições, criou-se uma cultura popular tipicamente brasileira, porque essa tradição oral resulta também da influência recebida do contexto sociocultural do Brasil (COSTA, 1998).

Vivemos uma nova realidade social em que a era tecnológica vigora. As coisas, as pessoas e, conseqüentemente, a cultura e as tradições mudam conforme o tempo passa. Numa sociedade em que os instrumentos tecnológicos avançam em passos largos, torna-se cada vez mais raro ver pessoas reunidas para uma conversa face a face. No Maximo o que se vê são pessoas fisicamente próximas, mas

distantes mentalmente, entretidas em conversas online através de um aparelho celular.

Mesmo no ambiente familiar, que seria o espaço mais propício para a conversa cotidiana e para troca de experiências, isso não mais acontece. As histórias que os pais contavam para seus filhos e depois para os filhos dos seus filhos, que são os valores transmitidos de geração para geração responsáveis pela formação da identidade individual e coletiva, estão cada vez mais escassas. Essa escassez pode está ligada à falta de tempo decorrente da demanda do trabalho e das demais atividades do dia a dia que acometem os integrantes das famílias.

Mas, de todo modo, não diria que em contexto brasileiro as tradições orais tenham desaparecido totalmente. Talvez nos grandes centros urbanos elas não mais existam, contudo, podemos encontrá-las, mesmo em menor proporção e frequência, nas comunidades das cidades interioranas do Brasil. Isso porque, os avanços que chegam às grandes cidades e que contribuem para o declínio dessas tradições, não chegam com a mesma velocidade nas cidades menores e mais afastadas das capitais do país.

Estudos realizados por Costa (1998) em diversas cidades do interior da Bahia mostram que a tradição oral ainda resiste nessas localidades, sendo o conto a principal manifestação cultural das tradições orais difundidas nesses municípios. A autora reuniu vinte versões do conto “Cinderela” para mostrar que a história muda conforme a realidade social de cada narrador e também pelo momento histórico em que o conto está sendo narrado.

Benjamin (1994) já havia nos alertado, no século passado, do poder da informação e que ela seria um fator ameaçador para existência da narrativa oral. Hoje, nota-se que os avanços das tecnologias da informação oferecem ferramentas para que os historiadores e leigos possam refutar as tradições narradas a partir do conhecimento popular, oriunda do senso comum. Isso não significa que a informação possa de fato por fim as narrativas orais, mas colocam em cheque sua credibilidade e sua importância para a cultura popular.

Os livros também vêm tomando o espaço das narrativas orais. Histórias antes contadas num agradável momento de conversa estão sendo substituídas por história da narrativa escrita. Contar as histórias através da escrita, não parece ser diretamente um agravo ao desaparecimento das narrativas orais porque de alguma forma ela contribui para que essas histórias sejam perpetuadas e lidas em algum

momento. Contudo, uma história lida não passa a mesma veracidade e o mesmo significado que os narradores conseguem passar através da oralidade, a considerar que inserimos nela apenas o nosso conhecimento de mundo, não terá ali a visão e a emoção do narrador para torná-la verossímil. Além disso, a leitura das histórias nos aproxima dos personagens, mas não nos aproxima das pessoas que as escrevem. Ao contrário das histórias contadas pelos narradores, que nos coloca lado a lado do autor e da história.

Cientes da situação em que se encontram as narrativas orais e considerando o crescimento dos estudos sobre essa temática no Brasil, AMADO e FERREIRA (2006) organizaram a coletânea denominada de “Usos e abusos da história oral” que reúne alguns trabalhos acadêmicos traduzidos para a língua portuguesa, que serve como material de apoio e estímulo para os estudos sobre a história oral no Brasil. As autoras entendem que em cenário brasileiro, o trabalho com a história oral consiste em gravar as entrevistas e editar os depoimentos, sem que haja uma reflexão teórica e metodológica das fontes. O objetivo do livro, em suma, é incentivar a reflexão sobre a história oral, porque mostra sua riqueza e suas dificuldades, seus desafios e seus resultados. Com esse apoio teórico e metodológico, estudiosos brasileiros poderão desenvolver inúmeros trabalhos acadêmicos que formarão um importante acervo teórico necessário para o prosseguimento dos estudos sobre as tradições orais no Brasil.

No momento atual, a arte de narrar está ganhando novos rumos para acompanhar os avanços da sociedade. Se não se pode mais reunir pessoas para um “dedinho de prosa”, há sempre outra opção para que a narrativa oral de fato aconteça. Atualmente, a contação de história tem sido retomada, principalmente em contexto escolar e nos eventos literários. A contação de história nas escolas se apresenta como uma forma de criar nas crianças o interesse em ouvir outras histórias fora do ambiente escolar, assim como, o hábito da escuta sensível que é fator importante para a sobrevivência da narrativa oral.

Notoriamente, as narrativas orais não são praticadas da mesma forma como eram no passado. Para tanto, não considero apta para julgar se as narrativas orais estão realmente em declínio em todas as sociedades, pois para chegar a essa conclusão, acredito ser necessário uma análise mais profunda acerca dessa temática. É possível considerar que há sim uma diminuição das narrativas orais, mas que não deve ser generalizada porque em algumas sociedades, como África, elas

ainda resistem, assim como nas cidades dos interiores do Brasil. Mas, como o foco desse trabalho é o estudo das narrativas orais causos, benza e reza, diante das questões aqui apresentadas devemos considerar que ainda há espaço para essas tradições na sociedade contemporânea? Ou estariam elas desaparecendo como as demais narrativas orais?

4.1.1 Causos: ainda existem contadores?

É sabido que a tradição de contar causos é mais restrita aos meios rurais e as cidadezinhas pacatas dos interiores do Brasil. Atualmente o número de pessoas que vivem em zonas rurais é cada vez menor. Em busca de melhoria de vida, muitas pessoas saem das zonas rurais, e passam a morar em zonas urbanas de grandes cidades. Os hábitos adquiridos com a nova realidade social, que são necessárias até mesmo para a interação do indivíduo com a nova sociedade, acabam tirando dessas pessoas os costumes e tradições que elas mantinham nas comunidades rurais e nas cidades do interior.

A globalização e os avanços tecnológicos que causam impacto nas tradições orais como um todo, também interfere negativamente na transmissão dos causos. Os velhos contadores de causos viveram numa época diferente da época em que vivemos atualmente, para muitas pessoas, principalmente as mais jovens, o conhecimento de mundo que eles possuem não são mais relevantes para a atual conjuntura social e cultural em que estamos inseridos. Os contadores de causos são, sobretudo, conselheiros e transmitem valores, crenças, sabedoria e experiências. Contudo, as pessoas de hoje inseridas nesse universo de globalização e avanços tecnológicos, não têm interesse nos conhecimentos e saberes transmitidos pelos velhos. Elas consideram que a informação obtida através de uma breve pesquisa via internet é mais relevante para a construção de conhecimentos, porque oferece fundamentação teórica. Por isso, não descarto a possibilidade de que a tradição de contar causos esteja desaparecendo, mais por falta de público e menos por falta de contadores.

Como já foi apresentado nesse trabalho, o gênero discursivo causo é definido pelo dicionário Houaiss (2005) como uma narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real. Nasci numa cidade do interior da Bahia em que o hábito de contar causos ainda é mantido, e como tal, cresci ouvindo

muitas histórias que permanecem vivas em minha *memória*. Hoje infelizmente, essa tradição vem se perdendo.

Sabia-se muita coisa. Havia gente que começava a contar causos de manhã cedo e ainda não tinha parado à hora do almoço. Eram causos de Santos, de bichos, de milagres, do Pedro Malazarte, e instruíam muito, porque explicavam as coisas como eram. Por isso havia respeito e temor: Os filhos obedeciam aos pais, os moços aos velhos, os afilhados aos padrinhos e todos à Lei de Deus (CANDIDO, 2001 apud BARREIROS, 2013)

Apoiada em Candido (2001), as palavras da autora nos levam a retomar a memória de comportamentos e relações sociais que existiam entre as pessoas de antigamente. Hoje alguns desses comportamentos já se perderam, principalmente o respeito e a valorização das memórias dos velhos que nos transmitem uma imensa sabedoria de vida, oriunda do conhecimento obtido através da troca de experiência que a vivência em comunidade proporciona.

A contação de causos ainda é hábito diário das populações rurais, principalmente nos sertões brasileiro, lá eles contam os causos “ditos sertanejos” que acontece de forma espontânea e em qualquer lugar, a saber: na roça, em casa, ao redor de uma fogueira ou de um fogão a lenha. Até pouco tempo atrás ouvi muitos causos sertanejos contados por Dindo. A seguir apresento um dos causos que ele mais contava: o sofrimento do povo sertanejo.

O sofrimento do povo sertanejo

Desde quando me entendo por gente, a vida do sertanejo é muito sofrida, quando eu morava em Seabra era pior ainda, lá nem rio passa pela cidade, quanta dificuldade meu Deus! No mês de novembro dava aquela chuvinha e a gente ia tudo alegre para as roças preparar a terra para começar o plantio. Plantávamos mamona, feijão de corda, andu, abobora... Só não plantava milho porque a melhor época para plantá-lo era no mês de março, para no São João está bom para arranca (colheita). Até a festa de Nossa Senhora das Graças (27 de novembro) costumava chover, se não chovesse nessa data era uma tristeza só, porque aí a gente tinha certeza de que a chuva só chegaria no ano seguinte. Mas mesmo assim a gente plantava o mês de novembro todo e esperava a Graça do Nosso Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora para mandar chuva. Todo mundo sofre, mas nós sertanejo sofremos

demais, mesmo tendo fé que íamos colher nosso alimento com a chegada do novo ano, isso quase nunca acontecia. Quando chegava mês de dezembro o sol voltava a brilhar, olhávamos para o céu com olhar piedoso e esperançoso, mas a gente não via nem uma nuvem de chuva, só sol e vento. Mais uma vez nosso plantio não vingava, perdíamos toda a plantação. Mas eu agradecia a Deus por ter me dado dinheiro para comprar as sementes e força para preparar a terra e plantar. No ano seguinte eu plantava de novo e novamente pedia a Deus que mandasse chuva. Nós sertanejos não podemos perder a fé de que teremos chuva, se ela não vem num ano, no próximo Deus proverá e ela chegará para nos dar fartura.

Quem já teve a oportunidade de conhecer alguma cidadezinha do sertão entende perfeitamente o que são causos sertanejos e suas características. Os causos sertanejos são assim conhecidos porque os contadores vivem no sertão e contam os acontecimentos daquele lugar. Os contadores de causos contam suas experiências e as memórias construídas a partir das relações sociais e culturais do meio em que vivem, como pode ser visto no caso de Dindo apresentado acima.

Apesar de serem poucos, alguns estudiosos como Hartmann (2011), Pereira (2013) e Bosi (1994) se dedicaram ao estudo *in loco* sobre o comportamento e a memória dos contadores de causos e suas comunidades. Em *Gesto, palavra e memória: performance de contadores de “causos”* Luciana Hartmann (2011) discorre sobre a pesquisa que ela desenvolveu na região da tríplice fronteira: Brasil, Argentina e Uruguai. Nessa obra, a autora escreve como acontece a performance narrativas, que envolvem a maneira de falar e o comportamento corporal dos contadores de causos dessa região, fazendo uma análise comparativa das performances das regiões estudadas desses três países.

Hartmann (2011), já sabia como se dava o processo de transmissão da tradição oral das regiões do lado brasileiro da fronteira, entretanto, o objetivo dessa pesquisa era entender como as relações sociais e culturais com os outros países influenciavam esse processo, e vice e versa. Com isso, a autora se propôs a observar as semelhanças entre as tradições orais entre os três países que se dão através das performances das narrativas orais. A partir desse estudo ela reconhece a existência de uma “cultura da fronteira”, que se formou através da transmissão de experiências e valores que se dá por meio das narrativas de histórias (p. 24). Munida de alguns conhecimentos sobre as os contadores de causos, Hatmann (2011) foi

ainda surpreendida pelas performances dos contadores de causos daquela região, como se nota em suas palavras:

Inicialmente, levada por uma imagem idílica construída pela literatura de Rio Grande do Sul e dos países do Prata, acreditei poder encontrar homens e mulheres, que em eventos quase ritualísticos, reuniam nos balcões de estância, à volta de uma fogueira, para contar história. Realmente os encontrei, não sem alguma dificuldade, mas pouco a pouco fui percebendo que o fato de contar histórias era muito mais cotidiano e menos ritualizado do que eu imaginava (BARREIROS, 2013, p. 23).

Observe que a autora retrata algo bem comum a muitas pessoas que não conhecem o gênero causo e muito menos o ouviu de algum contador. Entretanto, ressalto que isso é comum também as pessoas que conhecem o gênero e suas características, como é o caso da própria autora. Podemos associar esse episódio ao fato de que cada povo, cada comunidade, cada região tem uma performance diferente para a contação de causos, isso significa que as características performáticas de um contador e de uma comunidade não é comum a todos os contadores, povos e culturas.

Apesar de alguns teóricos já terem desenvolvido estudos sobre os contadores de causos, ainda há muito a ser estudado sobre essa prática. Como se pode dizer que algo está desaparecendo se ele é pouco enxergado e conhecido? Arrisco a dizer que a tradição de contadores de causos ainda não possui um estudo extenso dentro do universo acadêmico. Chego a essa compreensão porque em minhas buscas de referenciais teórico para tratar sobre essa temática encontrei poucos trabalhos disponíveis para pesquisa.

Os contadores de causos extraem suas histórias do conhecimento popular e da subjetividade e as transmitem oralmente de forma simples sem que haja noções de verdade ou mentira, há apenas a crença popular de que a história é verossímil. Diferentes de outras tradições orais, os contadores de causos não se preparam para a contação, ela acontece naturalmente e os contadores não têm conhecimento que suas conversas cotidianas estão inseridas num determinado gênero narrativo. Na verdade, a maioria deles não sabe ler nem escrever, muito menos sabem o que é um gênero narrativo.

Os contadores de causos contam suas histórias para as pessoas de sua comunidade, que contam para outras pessoas de comunidades vizinhas. As histórias não são amplamente conhecidas, normalmente elas ficam restritas a uma

determinada região. Por isso, para entender se os contadores de causos estão realmente desaparecendo se faz necessário conhecer os locais onde essa tradição acontece, unindo saberes acadêmico a saberes tradicionais, como fez Hartmann (2011) e outros estudiosos que se dedicam a essa temática. Falo isso sobre a perspectiva de quem nasceu e cresceu numa cidadezinha do sertão baiano, que conviveu diariamente com contadores de causos, especialmente Dindo, e que pode afirmar com segurança que só se conhece os contadores e seus causos falando diretamente com eles.

Termino essa reflexão acreditando que os contadores de causos ainda resistem, até porque há poucos anos atrás eu escutava os causos de Dindo. Assim como ele, muitos velhos ainda contam suas histórias nas zonas rurais e pequenas cidades do Brasil, mas, infelizmente, são poucas pessoas que desejam escutá-las. Desse modo podemos considerar que o desaparecimento do público está levando ao desaparecimento do contador, visto que, os contadores precisam de ouvintes para escutar e recontar suas histórias, e esses vêm diminuindo em passos largos.

4.1.2 Quem acredita em benzas e rezas hoje?

Atualmente, mesmo diante de todos os avanços científicos e tecnológicos que a medicina vem alcançando, nota-se que o Brasil ainda é um país muito carente no que tange ao atendimento básico em saúde pública. Diante disso podemos nos perguntar como era esse atendimento antes desses avanços, principalmente nas comunidades mais afastadas dos centros urbanos do país? Essas pessoas tinham médicos plantonistas e postos de saúde? Tinham ambulâncias ou qualquer outro veículo automotivo para lhes conduzirem ao pronto socorro? Tinham acesso aos medicamentos necessários para o tratamento de doenças?

As respostas a essas perguntas são óbvias, em sua maioria, são negativas. Antigamente, as comunidades rurais e até mesmo as pequenas cidades, principalmente do nordeste do país, não gozavam de atendimento médico, de postos de saúde e muito menos de medicamentos para o tratamento das enfermidades da população. As pessoas que necessitavam desses serviços precisavam andar muitos quilômetros em busca desse atendimento. Vale lembrar que estamos falando de pessoas carentes, que quase sempre não possuíam recursos financeiros nem para a própria alimentação, muito menos para se deslocar de uma cidade para outra a

procura de atendimento médico. Devido isso, muitas pessoas recorriam aos tratamentos oriundos da medicina popular e da crença religiosa para curarem suas enfermidades, entre eles a benza e a reza.

A benza e a reza são consideradas práticas religiosas de cura de enfermidades mais antigas do mundo. São práticas realizadas em comunidades tradicionais de pequenas cidades afastadas dos grandes centros urbanos. Os benzedores e rezadores são profundos conhecedores dos saberes da cultura e da medicina popular, e são movidos pelos mistérios e pela fé divina para a cura das dores do corpo e da alma.

Não é difícil encontrar pessoas que tenham sido benzidas ao menos uma vez, por decorrência de “mal olhado”, “vento caído”, “espinhela caída” ou qualquer outro mal. Mesmo as pessoas que nunca foram benzidas já viram ou ouviram falar da benzedura em algum momento de sua vida. Normalmente, pessoas de comunidades pequenas e desprovidas de atendimento básico de saúde são as que mais conhecem e recorrem à prática de benzimento. Muitas delas acreditam profundamente no poder de cura que as benzas e rezas proporcionam que mesmo antes de procurar atendimento médico especializado procura primeiro um benzedor.

Aprendi que a cultura é vida. Em termos de cultura popular ou folclore, eu diria: o povo guarda as coisas (suas cantigas, seus remédios, as técnicas de trabalho, seus provérbios, suas devoções), enquanto tiverem algum sentido na vida dele (POEL, 2005).

Frei Francisco van der Poel (2005) viveu alguns anos de sua vida no Vale do Jequitinhonha (MG), uma comunidade tradicional em que as benzas e as rezas eram as principais formas de curas das enfermidades, e a partir dessa experiência escreveu um artigo o qual ele chamou de “*Processos da cura na medicina popular*”. Nesse trabalho ele conta como acontecem as práticas de benzedura e como é a relação dos benzedores com a comunidade a que pertence. Para o autor, ao contrário dos médicos, que normalmente são especialistas em determinada área, os benzedores são “pau para toda obra” conhecem todas as enfermidades dentro da óptica da medicina popular e as tratam da forma mais adequada, há sempre uma reza, erva ou simpatia capaz de curar a enfermidade tratada.

A prática do benzimento normalmente é realizada pelas pessoas mais velhas da comunidade. A transmissão desse dom é feita de geração para geração, ou seja,

o benzedor mais velho ensina esse ofício a uma pessoa mais nova, desde que tenha interesse e fé no poder das rezas. Por se tratarem de tradições orais, tanto os contadores de causos, como os benzedores precisam de público para a realização e transmissão da tradição. No caso dos benzedores, sem pessoas para serem benzidas e pessoas para aprenderem as rezas não tem como essas práticas serem preservadas.

Muitos fatores corroboram para o desaparecimento das benzas e das rezas, pontuarei a seguir dois deles. O primeiro fator a ser considerado é o critério fé. Por muito tempo as comunidades tradicionais eram compostas basicamente por pessoas da religião católica e do candomblé, que acreditavam e tinha fé nas simpatias e rituais realizados pelos benzedores. Contudo, o cenário atual não é mais esse, a maior parte dessas comunidades é formada por pessoas de diferentes religiões, principalmente do segmento protestante. Essa nova composição coloca em risco a permanência da prática de benzimento, pois, por exigência da nova religião, as pessoas deixam de ter fé nos rituais e no seu poder de cura. Pude ver situação semelhante a essa na comunidade em que Dindo praticava o benzimento, muitas pessoas que sempre o procurava para serem benzidas contra o mal de “espinhela caída”, por exemplo, deixaram de procurá-lo após se converter a religião protestante.

O segundo fator diz respeito ao atendimento básico em saúde. Como sabemos as comunidades rurais não tinham acesso ao atendimento médico e por isso recorriam às rezas dos benzedores para tratar os males do corpo e da alma. Algumas pessoas, talvez a maioria, procuravam os benzedores porque tinham fé que as rezas, simpatias e ervas medicinais curariam sua enfermidade. Outras se submetiam aos rituais de benzedura porque esse era o único meio de obter a cura de suas doenças.

Atualmente, acredito que a maioria dos moradores das comunidades tradicionais, até mesmo as mais isoladas, tem acesso ao menos a uma consulta médica na localidade em que mora. Aquelas pessoas que recorriam ao benzimento apenas porque essa era a única opção de cura, não mais recorrerão porque podem optar pelo atendimento e medicamentos da medicina oficial. Mas, aquelas que recorriam as benzas e rezas apenas pela fé, mesmo tendo acesso a esses atendimentos não deixarão de procurar os conhecimentos medicinais e religiosos dos benzedores. Até porque, “o médico não conhece as plantas medicinais e

nenhuma benzeção. Além disso, parece melhor não conversar com o doutor sobre as simpatias” (POEL, 2005).

Esses fatores separadamente talvez não representem um risco grande à tradição dos benzedores. Entretanto, juntos esse risco toma proporções muito maiores, porque os dois contribuem para a redução de adeptos dos rituais. Suponhamos que numa determinada comunidade tem um posto de saúde, com médicos e enfermeiros que fazem atendimento todos os dias, dão palestras sobre doenças epidêmicas e outras enfermidades. Num certo dia o filho de uma das moradoras que havia se convertido para uma religião que não permite a prática de benzimento passou mal, a mãe o levou para uma consulta médica, foi medicado e ficou bem. Dias depois o filho da vizinha apresentou os mesmos sintomas do filho dessa moradora, ela diz para a vizinha que o filho dela tem a mesma doença que o seu filho teve e que o médico passou o remédio e o menino sarou. A vizinha poderia procurar os rituais de benzedura, se quisesse, mas diante disso, a quem ela recorreria primeiro? Ao médico ou ao benzedor? Diante da modernidade da medicina e das informações passadas pelos médicos e enfermeiros e também do testemunho da moradora, tenho quase certeza de que a vizinha procuraria primeiro o atendimento médico.

Na realidade atual das comunidades tradicionais, essa é uma situação corriqueira. Os saberes dos benzedores sejam da religião, da magia ou medicina popular são colocados em cheque diante das informações e do reconhecimento da medicina oficial. Considerando a realidade da comunidade em que vivi e alguns estudos sobre essa temática, podemos notar que a prática de benzimento tem sido recorrida em menor frequência e é cada vez menor o a crença nas rezas dos benzedores e o interesse de conhecer seu ofício e receber o dom para dar prosseguimento a essa tradição.

Por outro lado, muitos profissionais de saúde, baseados em pesquisas que comprovam a eficácia da medicina tradicional, vêm recorrendo às receitas naturais como tratamento complementar para algumas enfermidades. Há, ainda que em processo lento, uma retomada de terapias menos industrializadas, fomentada, inclusive, em cursos mais recentes da área de saúde. Isso demonstra que pode haver diálogo entre medicina oficial e popular.

4.2 A MEMÓRIA DOS VELHOS

A memória concede ao ser humano a possibilidade de viajar em situações do passado e reproduzi-la no tempo presente. Relembrar e recontar o que foi visto e vivido, adaptando as histórias ao momento em que se vive, são privilégios restritos ao homem, proporcionado pela capacidade de armazenamento de sua memória. Não lembramos somente das coisas boas que vivemos, porque a memória não é seletiva. Às vezes para retomar a um fato vivido, perpassamos por diversas outras situações.

Podemos dividir a memória em duas categorias, a saber: memória coletiva e memória individual. As lembranças construídas a partir da experiência em grupo, que se dar no meio familiar ou social devem ser consideradas memória coletiva, Ela pode ser retomada individualmente, mas não é restrita a um único indivíduo. Um exemplo disso são as tradições e manifestações culturais, que são construídas a partir da tradição de um determinado grupo ou sociedade. A memória individual é aquela exclusiva de um indivíduo, são as experiências que ela viveu de forma individual, mesmo estando inserido em um grupo específico. A memória individual não está apartada da memória coletiva, porque para formarmos a nossa memória é necessário ouvir a memória do outro. Cada um tem um ponto de vista sobre coisas comuns à coletividade e é isso forma sua memória individual.

Bosi (1994) diz que uma pessoa em fase adulta enxerga a memória como um espaço de fuga em que se pode esquecer a vida prática cotidiana, seria mais ou menos um sonho de contemplação daquilo que não se pode viver na realidade. Na velhice é diferente, a pessoa idosa tem a memória como um veículo de locomoção que o leva ao passado. Quando escutamos uma história de um velho, estamos escutando a sua experiência, aquilo que ele viveu e que ficou alojado em sua memória. Recorrer à memória significa para os idosos, “se ocupar consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (p. 60).

A memória dos velhos é carregada de lembranças de experiências vividas em sociedade e individualmente. É por isso que os idosos são conhecedores e mantenedores das tradições, porque os velhos viram como elas foram criadas e as transmitem de geração a geração. Conversar com uma pessoa idosa significa submeter-se a uma consulta a um livro vivo e único. “Cada idoso carrega consigo uma biblioteca cultural e singular” (PEREIRA, 2013, p. 22).

Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossa sociedade também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças [...] (HALBWACHS, apud BOSI, 1994, p. 63).

As tradições orais apresentadas nesse trabalho são, sem dúvida nenhuma, são resultados da construção da memória de um velho. Os causos, as benzas e as rezas os quais tomei como inspiração para esse estudo, são as memórias das experiências da vida de Dindo. Para ele, a contação de causos funcionava como uma espécie de terapia, que proporcionava recordações de muitos momentos de sua vida. Ao retomar as lembranças das atividades que ele desenvolvia na roça e as histórias dos mistérios da floresta, como o caso da “dona da mata”, era nítido em seu olhar o sentimento nostálgico.

Dindo descrevia como se estivesse vendo a dona da mata em sua frente: *diziam que era um menino, mas sempre que me deparei com a dona da mata eu via uma mulher. Ela tem o nome de Caipora, não é bonita não, tem os cabelos para cima da cor do fogo, os pés para trás e quase não dar para ver o rosto. Não vou mentir não, a primeira vez que eu vi aquela mulher na mata eu quase dei um passamento (desmaio). Mas agora eu sei que ela não é do mal, ela nos protege dos perigos da mata se a gente agrada ela com um pedacinho de fumo.* Ao final Dindo sorria e dizia “eu gostava de ver a dona da mata”, o que significa que aquela memória lhe trazia alegria.

Caminhamos todos em direção a velhice. Durante essa caminhada, certamente, muitas experiências serão vividas e ao final resta aos velhos recordá-las, contá-las e recontá-las. São essas experiências que fazem a ligação do passado com o presente. Quando escutamos de uma pessoa idosa algum conselho é porque ela enxerga na situação em que vivemos semelhanças com situações que ela viveu no passado, o seu conselho é por isso resultado de sua experiência. “A função social dos velhos é lembrar e aconselhar [...] unir o começo e o fim, o que foi e o porvir” (BOSI, 1994, p. 18).

Ainda segundo Bosi (1994), a sociedade capitalista não valoriza a memória dos velhos e recusa seus conselhos. Os velhos não mais oferecem mão de obra para a produção de riqueza e suas experiências não são mais necessárias para ensinar um ofício aos mais jovens. Isso acaba impedindo também que os velhos se lembrem do

seu passado, de tudo aquilo que produziram, tira deles o doce e prazeroso momento de rememorar as experiências que viveram.

Até aqui conhecemos o que são memórias dos velhos e a importância delas para construção e transmissão das tradições e cultura popular. Também sabemos que essas memórias têm sido cada vez menos valorizadas pela sociedade, mesmo sendo elas as responsáveis pela construção da identidade coletiva e individual, da cultura, das crenças e tradições. Diante disso, o que fazer para que as memórias dos velhos não morram com eles? Ainda existem meios de preservar suas tradições e seus ensinamentos?

4.2.1 Preservação

Talvez o cenário seja meio desanimador, mas sim, é possível não deixar que as memórias dos velhos morram com eles, e também existem meios de preservar seus ensinamento e tradições. Para explicar como isso é possível listarei três etapas que precisam ser obedecidas para que haja a preservação dessas memórias, a saber: a escuta, a valorização e a transmissão. Claro que existem outros meios, como por exemplo, a transmissão escrita, mas seguindo esses três passos poderemos manter vivas as tradições e ensinamentos dos velhos.

Por que o ato da escuta é a primeira etapa? Porque para conhecer algo que não está escrito, que não pode ser lido é necessário escutar, e também porque “entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido” (BOSI, 1994, p. 90). Como as histórias dos velhos e seus ensinamentos estão alojados em sua memória, escutá-los aparece como a principal forma de conhecer suas lembranças.

Já disse aqui que contar histórias funciona como uma terapia para os idosos. É visível o brilho no olhar e alegria que toma conta deles ao compartilhar suas experiências, mas só nós ouvintes podemos proporcioná-los esse momento de felicidade. A escuta dessas histórias, com certeza, também é gratificante e enriquecedora para nós ouvintes, porque ao escutá-los, as memórias que eram apenas dos velhos também passam a ser nossa também.

Quando nos referimos a tradições orais e ritualísticas como as benzas e as rezas, só o ato da escuta não é suficiente, é necessário também o olhar e a observação dos gestos, das performances, “o corpo fala e aflora” (PEREIRA, 2013,

p. 121). O corpo diz muita coisa que não é possível expressar em palavras. Para contar as benzas e as rezas de Dindo, precisei conhecer os rituais de benzimento que ele realizava, e foi através da observação e depois dos seus ensinamentos que eu pude aprendê-los.

Toda narrativa oral necessita de um público ouvinte, caso contrario não existe a contação, são esses ouvintes que dão prosseguimento a tradição de geração para geração, se não há ouvinte não tem como a tradição se manter viva e resistir ao tempo. Por isso acredito que dar visibilidade aos contadores de causos com a aproximação de conhecimentos acadêmicos aos conhecimentos tradicionais é importante para que as pessoas voltem a despertar o interesse pelas histórias e sabedoria dos velhos e levá-las adiante.

Não adianta apenas escutar o que as pessoas idosas têm a contar, é preciso dar a essas histórias a mesma importância que seus protagonistas dão, chamamos isso de valorização, e esse é o segundo passo necessário para conservar a memória dos velhos. Por exemplo, quando um idoso narra sua história de vida, talvez no momento atual essa história não faça mais sentido, mas para ele cada pedacinho da história foi de extrema importância para a sua vida e para torná-lo em quem ele é. O que devemos fazer diante disso é valorizar sua história, e termos em mente que em algum momento de nossas vidas podemos nos depararmos com situações vividas pelos velhos e com certeza nos recordaremos dos conselhos que um dia ouvimos deles.

Recontarei a seguir uma história que Dindo escutou de seu pai e costumava nos contar.

A assombração do retirante na cancela

Quando eu era pequeno perguntei a meu pai porque quando a gente passava pela cancela (porteira) à noite ela começava a abrir e fechar sozinha. Eu vi isso muitas vezes quando era criança e vejo até hoje, mas agora não tenho mais medo. Aí meu pai respondeu que no período de muita seca, em que nada dava e que todos os animais da roça morriam, os homens se retiravam de suas terras a procura de fazendas próximas a rios e açudes para procurarem trabalho e poder alimentar suas famílias. Às vezes eles andavam muitas léguas e passavam muitos dias pela mata seca, muitos passavam lá na casa do meu pai em Seabra, aí meu pai dava alimento

e água e eles seguiam viagem. Outros se perdiam pela estrada e acabavam morrendo de fome e de sede. Dizem que como os corpos deles não eram velados, as almas ficavam vagando pela rodagem e sempre que alguém passa pelas estradas à noite as almas desses homens fica abrindo e fechando as cancelas para assombrar as pessoas. Quando meu pai me contou essa história eu tive medo, mas depois eu entendi que aquelas almas estavam precisando de descanso, porque as pessoas morreram angustiadas de fome e sede e longe da família. Agora sempre que passo por uma cancela à noite acendo sempre uma vela e peço que Deus dê descanso aquelas almas.

Essa história é um exemplo da importância da transmissão para a preservação da memória. Ela só permaneceu viva porque Dindo a passou adiante, inclusive para mim, e hoje pude recontá-la aqui.

Os rituais de benzimento e da reza requerem muito mais valorização porque se não reconhecermos o valor dos benzedeiros e do poder de suas rezas, eles simplesmente desaparecem. Acredito que muitas pessoas, principalmente as adultas, já tenham sido benzidas, ao menos uma vez, contra algum mal e foram curados. Diante disso, o que essas pessoas devem fazer é passar para seus filhos a crença de que os benzedores possuem conhecimentos da medicina e da religiosidade popular capazes de curar enfermidades. Transmitir de geração a geração a crença no valor dessas tradições é mais uma forma de preservação tanto das memórias dos velhos como da narrativa oral, uma vez que, esse processo se dar por meio da oralidade.

Primeiro escutamos as memórias dos velhos para conhecer e valorizar e só depois as transmitimos, essa parece ser a sequência mais viável, é por isso que a transmissão aparece como o último passo dessas etapas. Entretanto, isso não significa que ela seja menos importante, pelo contrário, de nada contribuiria para a preservação das memórias dos velhos apenas escutar e valorizar suas histórias e seus ensinamentos sem, no entanto, passá-las adiante.

Algumas pessoas não concordarão com as etapas que apresentei aqui como métodos de preservação das tradições das memórias dos velhos, que bom, esse trabalho é justamente para levar a reflexão. Contudo, a sequência de ouvir, valorizar e transmitir oralmente ainda é a melhor forma de preservação das tradições orais. Não conheço alguém que tenha aprendido alguma reza ou o benzimento através da leitura de um livro ou manual. Essas tradições são passadas de geração para

geração através do ensinamento oral. Normalmente, são os benzedores mais velhos que transferem seus dons aos mais jovens, a um filho, a um neto ou a alguma pessoa próxima que se identifique com o ofício.

As tradições orais de Dindo que escrevi nesse trabalho também se configuram como uma forma de preservação de sua memória, porque recorri às lembranças que possuo de suas histórias e rituais de benzimento e as contei através da narrativa escrita. Não concordo que essa seja a melhor forma de transmitir suas memórias, mas acredito que explorar as tradições orais que são passadas pela sabedoria e experiência dos velhos através de trabalhos acadêmicos é um meio de dar visibilidade a essas tradições e de alguma forma mantê-las vivas.

As pessoas que tiveram a oportunidade de ler as histórias de Dindo que apresentei aqui sabem agora um pouquinho da memória dele, entrelaçadas com minha memória. Claro que elas não sentiram a mesma emoção que sentiria caso eu tivesse contado oralmente, porque na contação escrita não podemos utilizar as performances que ajudam a dar mais verossimilhança e emoção às histórias. Se ao invés de escrever eu tivesse contado essas histórias e tradições, como tenho feito sempre para muitas pessoas, não utilizaria as mesmas características performáticas que Dindo utilizava, iria inserir nessas histórias minhas próprias performances. Isso quer dizer que quando transmitimos as narrativas orais estamos criando em nós a arte de narrar. A transmissão oral contribui fortemente para a preservação das memórias dos velhos porque além de conservá-las também novas memórias e novos narradores.

Para quem admira as narrativas orais, assim como eu, esse capítulo revela uma realidade triste e desanimadora. Reuni nele alguns fatores da sociedade moderna, que contribuem direta e indiretamente para o declínio das tradições orais. Apoiei-me nas reflexões que Benjamin (1994) realizou acerca do desaparecimento do narrador para mostrar que a inquietação dele era pertinente na época em que escreveu a obra “O narrador” e continua sendo nos dias atuais, tendo em vista que as tradições orais ainda trilham o caminho da extinção.

A conjuntura social na qual estamos inseridos tem se tornado cada vez mais pautada pela tecnologia. Por isso também apresentei questões da atualidade que ameaçam a permanência das tradições orais, como os avanços na disseminação da informação (internet e celulares) que nos aproximam de quem está distante e nos afastam de quem está perto e impossibilita que os contadores de causos, nossos

idosos, possam intercambiar experiências num agradável “dedinho de prosa” face a face. Apresentei também alguns fatores que colocam em risco as práticas e transmissão dos rituais de benzimento dos rezadores, a citar: os avanços da medicina oficial e a expansão das religiões protestantes em comunidades tradicionais.

Não há dúvidas de que as narrativas orais, especificamente os causos, as benzas e as rezas, vêm tendo uma considerável diminuição, no contexto das comunidades rurais e tradicionais, onde essas tradições geralmente são praticadas no Brasil. Entretanto, fora do nosso país ainda existem países que preservam a oralidade a exemplo de algumas sociedades tradicionais do continente africano.

Acredito é possível pensar em estratégias de convivência entre tradição e tecnologia. Uma solução possível é a preservação das memórias dos velhos, porque eles são os guardiões da cultura e da tradição da comunidade ao qual pertencem. Para isso, foram apresentados alguns meios possíveis de serem praticados a fim de manter vivas essas tradições, a saber: a escuta, a valorização e a transmissão oral. Não inseri a transmissão por meio da escrita como uma das principais formas de recontar as tradições orais, porque acredito que contação de histórias requer, além da fala, as performances gestuais e corporais que auxiliam na arte de narrar e que servem de inspiração para formar novos narradores, e a escrita não possibilita isso. Apesar disso, escolhi a modalidade escrita para contar as memórias de Dindo, primeiro porque era a base para esse trabalho, que está na modalidade escrita e também porque essa é uma forma dar visibilidade as tradições que ele praticava e muitos outros velhos continuam praticando e que ainda são pouco estudadas no meio acadêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho refletimos acerca das narrativas orais causos, benzas e rezas. Para isso, apresentei algumas dentre as histórias que Dindo costumava contar, bem como a benza e a reza que ele mais praticava. Essas tradições serviram de base de estudo para entendermos qual a situação delas na sociedade contemporânea. Partir da compreensão de que a exposição de algumas memórias de Dindo seria uma forma de mostrar que os velhos são guardiães da tradição oral e por isso suas memórias precisam ser valorizadas e preservadas.

Vimos que o gênero causo apresenta algumas características que o distingue do gênero conto e que seus contadores utilizam três elementos essenciais: a memória, a oralidade e a performance. Eles não utilizam livros para a leitura de histórias nem antes e nem durante a contação, contam às experiências que ficaram alojadas em suas memórias. Assim os contadores de causos, os benzedores/rezadores recorrem à memória para lembrarem as rezas que foram repassadas por um benzedor/rezador mais velho, o que nos leva a reconhecer essas práticas como subgêneros pertencentes à narrativa oral, bem como, as pessoas que as praticam também deve ser reconhecidas como narradores.

De acordo com as reflexões teóricas apresentadas, é possível perceber, não concluir, que as tradições que propus pesquisar ainda são praticadas, mas não da mesma forma em que eram antes. Podemos observar também que, na verdade, os contadores têm muitas experiências para compartilhar, entretanto, faltam pessoas interessadas em ouvi-los.

Compreende-se também que as benzas e as rezas que por muito tempo foram às principais formas de cura dos males do corpo e da alma dentro do conhecimento da medicina popular perderam espaço na sociedade moderna devido, principalmente, aos avanços da medicina oficial e da difusão de religiões que desconhecem o poder de cura dessas tradições. Posso afirmar isso porque pude ver de perto isso acontecer. Muitas pessoas que antes acreditavam no poder das benzas e das rezas de Dindo, deixaram de acreditar devido, principalmente, a esses fatores.

Pudemos perceber ainda que a memória dos velhos tem papel fundamental para existência dessas tradições e que, infelizmente, ela não tem recebido a importância que merece e que por conta disso as experiências adquiridas durante a

vida da pessoa idosa acabam morrendo junto com ela. Em face disso, considere importante apresentar uma sequência de três passos que podem contribuir para a preservação dessas memórias: a escuta, a valorização e a transmissão. Não são atitudes difíceis de serem realizadas, basta um pouco de paciência para ouvir o que os velhos têm as nos ensinar, valorizar a história que eles viveram e as tradições que eles praticam e passá-las adiante.

Este trabalho é resultado desses três passos que citei acima. Vivi pertinho de Dindo até próximo a sua morte, desde pequena sempre escutei muito atenta as suas histórias, achava lindo a forma como ele se expressava, e o modo como ele mudava de semblantes na mesma história me impressionava. Queria saber o que era a espinhela? Por que ela caia? Por que as almas das pessoas precisavam de salvação? E por que Dindo que tinha que rezar para salvar essas almas? Quem era a dona da mata? Como era? E por que temos que respeitá-la? Eram muitas perguntas e todas elas Dindo me respondia com muito carinho, via nos olhos dele a alegria de retomar as lembranças e trazer as respostas para todas as minhas perguntas.

Entendo que tudo que escutei de Dindo e todos os rituais de benzimento e de reza que o vi praticando eram histórias e tradições muito importantes para ele. Ao transmiti-las a intenção dele era que quem tivesse escutando desse a elas a mesma importância. Eu sempre as valorizei, as memórias de Dindo foram fundamentais para formação da minha memória e identidade. As escutei e as valorizei, hoje as memórias dele também são minhas memórias e um dia serão também as memórias dos meus filhos.

Sempre que posso narro os causos de Dindo e falo sobre as suas benzas e rezas, pois penso que o boca a boca é a melhor forma de manter vivas as tradições orais. Contudo, descrevê-las aqui, foi uma atividade gratificante e emocionante, porque pude mostrar um pouco das histórias de Dindo e utilizá-las como base para um estudo científico de cunho reflexivo. E ainda mantê-las perpetuadas pela escrita, para que as pessoas que não podem escutá-las através de mim, tenham a oportunidade ao menos de lê-las.

Por fim, o objetivo desse trabalho não foi apresentar conclusões e sim reflexões acerca das narrativas orais apresentadas em causos, benzas e rezas, e acredito que isso foi cumprido. Por isso, diante das questões apresentadas espero que essa pesquisa possa contribuir para o reconhecimento e valorização dessas

tradições e que as pessoas ao lerem as histórias e as tradições de Dindo, sintam-se motivadas a escutar a memória e a sabedoria dos velhos e repassá-las para as novas gerações, a fim de mantê-las vivas e preservadas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. **Causos sertanejos em Bahia Humorística**: enunciados da vida cotidiana sob a ótica de Mikhail Bakhtin. Almanaque CIFEFIL, v. XVII, p. 116-131, 2013.
- BATISTA, Gláucia Aparecida. **Entre causos e contos**: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Taubaté, São Paulo, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- COSTA, Edil Silva. **Cinderela nos Entrelaces da Tradição**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. Fundação Cultural, EGBA. 1998.
- D'AJELLO, Luís Fernando Telles. Da linguagem, da memória, da verdade: Uma análise de conceitos envolvidos na construção social da realidade. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; ZALLA, Jocelito; D'AJELLO, Luís Fernando Telles. **Sobre as Poéticas do Dizer**: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e Voz, 2010. P. 182-193.
- DUARTE, Zuleide. A tradição oral na África. **Estudos de Sociologia**. Rev. Do Progr. De Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. V. 15. n. 2, p. 181-189.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- FRISCH, Michael. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos importantes. In. FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 76-81.
- HARTMANN, Luciana. **Gestos palavras e memórias**: performances de contadores de "causos". Florianópolis: ed. da UFSC, 2011.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; ALMEIDA, Edimilson de. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.
- MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas**: O ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. São Paulo, 2009.

Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; Coordenação Marina Baird Ferreira. – 8. Ed. rev. atual. – Curitiba: Positivo, 2010.

PEREIRA, Áurea da Silva. **Narrativas de vida de idosos**: memória, tradição oral e letramento. Salvador: EDUNEB, 2013.

POEL, Frei Francisco Van der. O cordão de são Francisco. **Boletins e Revistas da Comissão Mineira de Folclore**. Minas Gerais, Boletim nº 07, 1983. Disponível em: <<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/cordaosfr.htm>>. Acesso em 06 de maio de 2018.

POEL, Frei Francisco Van Der. Disponível em: <<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/medicina.htm#volta%20para%20esquema>>. Acesso em 10 de junho de 2019.

ZILBERMAN, Regina. Práticas narrativas, oralidade e memória. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; ZALLA, Jocelito; D'AJELLO, Luís Fernando Telles. **Sobre as Poéticas do Dizer**: pesquisas e reflexões em oralidade. São Paulo: Letra e Voz, 2010. P. 28-41.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.